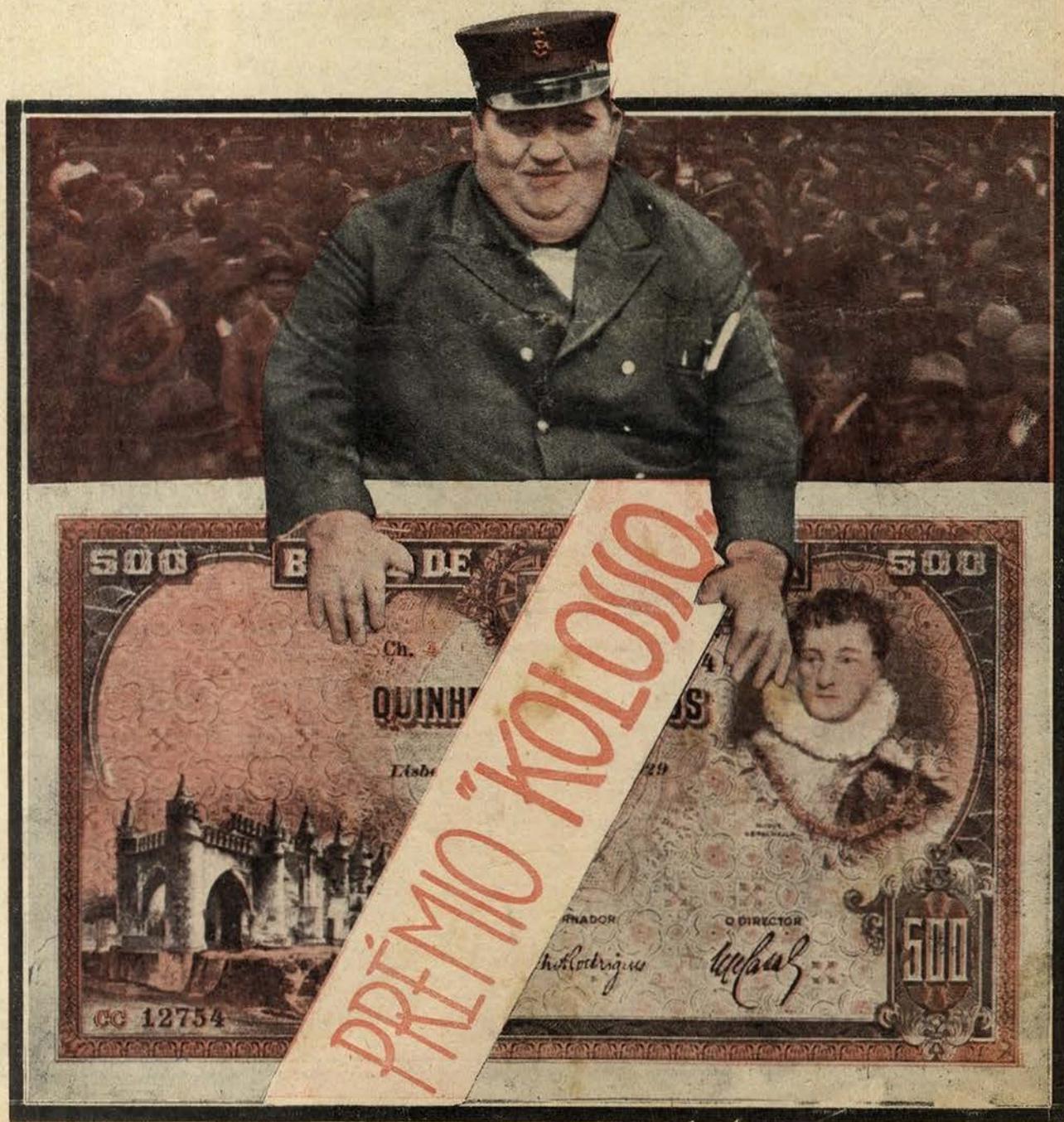


reportagem

Semanário das grandes reportagens



reporter



O SEMANÁRIO
DE MAIOR TIRAGEM E EXPAN-
SÃO EM PORTUGAL

Grandes reportagens e crítica a todos
os acontecimentos de sensação
nacionais e estrangeiros

Sai aos sábados e é posto à venda
simultaneamente em todo o país

PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE C. CAL

Director e Editor
REINALDO FERREIRA
(Reporter X)

Chefe da Redacção
MÁRIO DOMINGUES

Redacção, Administração e Publicidade
Rua do Alecrim, 65—TEL. 2 1276—LISBOA
End. Teleg.: REPORTERX—LISBOA

Composição e Impressão
SOCIEDADE EDITORIAL «A B C», L.da
Rua do Alecrim, 61—Rua da Luta, 1-B

PREÇO DAS ASSINATURAS

3 meses—série de 12 números—Esc. 11\$50
6 » » » 25 » —Esc. 22\$50
12 » » » 52 » —Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescem os respectivos portes
Pagamento adiantado

Deite fóra todas essas águas, gotas, azeites e tantas
outras drogas que lhe têm impingido para pintar os
cabelos.

Elas não são mais do que um assalto à sua bolsa...
Mostre que é inteligente.

Veja o que os melhores cabeleireiros empregam nos
seus magníficos trabalhos de pintura. Constatará que
é só

KOMOL

KOMOL, dispondo de 18 cores à sua escolha, desde
o Preto ao Louro Rosado, permite-lhe em sua casa,
e sem auxílio de ninguém, restituir a côr natural aos
cabelos em **15 minutos**. E êles ficam macios, soltos
e brilhantes, ninguém conhecendo que foram pintados.

CAIXA 25\$00

A' venda nos melhores estabelecimentos. Representante
M. CABRAL—R. Camilo Castelo Branco, 20,
Telefone N. 3831.—Depositário—FARMACIA OLIVEIRA,
R. da Prata, 240—Telefone 2 1415—Agente
n.º Porto—A. QUADROS Jor.—R. de Traz, 7, 2.º
—Telef. 87

Misericórdia de Lisboa

Grande lotaria do Natal

Extracção a 23 de Dezembro, às 13 horas

PRÉMIO MAIOR

6.000 CONTOS

Na Tesouraria da Misericórdia de Lisboa estão à venda

bilhetes a..... 1.600\$00
meios bilhetes a.. 800\$00
décimos a..... 160\$00
e vigésimos a..... 80\$00

**Pelo correio acresce o porte
e registo**

Não deixem de ir vêr

A GRANDE REVISTA

O Mexilhão

O maior êxito da actualidade

—NO—

VARIEDADES

A B C - ZINHO

O ÚNICO JORNAL PARA CRIANÇAS
QUE SE PUBLICA EM PORTUGUÊS

A B C-ZINHO sai às segundas-feiras

Todos devem lêr o A B C-ZINHO porque instrue, educa,
diverte e custa só **1\$00**

Preços por assinatura: — Por ano (52 números) 48\$00; por
6 meses (26 números) 24\$00; por 3 meses (13 números) 12\$00.

Pedidos à Administração: — *Rua do Alecrim, 61 a 65*

Basta escrever um postal e o A B C-ZINHO irá parar a sua casa

Homens & Factos do Dia

Opiniões simplórias dum inquilino...

...sobre os senhorios em geral e a nova lei do inquilinato em especial

QUE me perdê o sr. Ministro da Justiça a aparente rudeza da minha expressão e a forma plebeia e deselegante com que me esquivo aos atalhos floridos para atingir, numa apressada e sófrega corrida, a pista que me oferece a livre discussão da nova lei do inquilinato. Sua Excelência demonstrou que é um estadista de boa fé e que, qualquer que seja o valor da obra, não teme que a análise química da opinião alheia o comprometa...



Este desabafo é tanto mais honesto e lisonjeiro quanto é certo que não conheço Sua Excelência; que não tenho razões para simpatias ou antipatias; que não penso pedir-lhe influências (com que, seguramente, não me favorecia)... E, antes de percorrer esta pista aos ziguezagues da minha, talvez desequilibrada, lógica, que me seja permitido também um pequeno comentário às declarações de Sua Excelência.

Numa entrevista concedida ao Diário de Lisboa, divide Sua Excelência em três grupos os que discordam da sua lei: o dos interessados em que a situação se conserve cataléptica pelos mesmos motivos porque os galegos mergulhados no caldeirão infernal da anedota murmuravam ao recém-chegado que não fizesse ondas (e estes não contam porque sobre os interesses de «alguns» existe o farol da Alexandria da razão e da justiça); o dos mal-intencionados, que esbanjam este generoso armistício numa barulheira ensurdecadora, apenas com o fito velhaco e dogmático de prejudicar — sem se darem sequer ao trabalho de pôr uma lupa entre a lei e o olhar, e de examinar o bom e o mau da lei; e, por último, o dos sinceros mas que, ou por estreiteza de vistas, ou por birra inconsciente, ou por insuficiência digestiva do que leram ou por erro ou falta de cultura em ideias chamadas modernas por uns e retrógradas por outros, mas que se destinam à defesa dos princípios sociais julgados eternos e apenas interrompidos pelas accidentais perturbações utópicas do século XIX e ainda do século XX, se alarmam contra a lei e a combatem correctamente. Os dois primeiros grupos — declarou o sr. Ministro — são ignorados por Sua Excelência porque a Sua Excelência não interessa sarar interesses feridos ou dar lenha para o S. João profano do ódio. Os terceiros, sim, merecem-lhe atenção, embora ainda não lhe apresentassem um argumento que o convencesse a modificar o seu trabalho, tão larga e escrupulosamente gestinado com o germen de infinitas súplicas dos senhorios, vítimas da anterior lei.

Que Sua Excelência dilate um milímetro mais a sua generosa liberdade e que me permita que espontaneamente me enfileire neste último grupo... Porquê? Porque sou sincero; porque não sou parente, amigo ou inimigo de qualquer das partes (em dezassete anos de jornalismo e lite-

ratura esfalfantes, ainda não consegui imitar o filósofo Ursus, contratando a camaradagem fiel de um cão, por não poder oferecer-lhe um casinhoto decente; e, durante o mesmo período, por apatia ou por justiça, dei-me sempre bem com os senhorios); porque, por lealdade, prudência, moleza, cansaço, indiferença ou snobismo de ideais mais levantados, não me aproveitaria nunca dum gesto que considero, em alto e bom som, nobre ou pelo menos simpático para anavulhar traiçoeiramente um adversário (isso no caso, lisonjeiro para mim, de ser adversário de Sua Excelência, o que não é verdade, pelas razões já expostas) ocultando a lâmina na luva de camurça com que... «gesticulo» — passez le mot... — esta prosa. Outros — muitos — motivos me ciceronam até esse grupo terceiro, dos quais destaco a estreiteza de vistas, o simplismo de critério e uma coisa que o sr. Ameal etiquetou, dogmáticamente, de insultuoso: é que, simultaneamente à leitura dos defensores das ideias sociais eternas, sigo, com a mesma imparcial curiosidade e ousada intervenção do meu espírito, para feitos de contraste, a obra dos anti-juristas, dos que pensam, talvez erradamente, que a distância do tempo e as vantagens que separam a liteira do «Expresso Pullman» são iguais às que cavam um abismo entre os princípios sociais contemporâneos da liteira, mas ainda hoje defendidos pelo sr. Ameal (que a enchapelou com uma chaminé inútil de cartão, para nos convencer de que a sua velocidade é superior à da locomotiva), e os de amanhã...

Pouco espaço me sobra, afinal, para botar também opinião sobre a lei... Mas ela é tão simples, tão gráfica, tão desprentenciosa que talvez caiba neste caixilho miniatural. A nova lei foi imposta porque causa? Logicamente porque a anterior era defeituosa. Que defeitos a aleijavam? Os de favorecer injusta e exageradamente os inquilinos e prejudicar cruel e injustamente os senhorios, e ainda por... Não é preciso mais nada. Portanto a nova lei, corrigindo aquela, equilibrando as suas anomalias só pode resultar, em síntese, justa e imparcialmente vantajosa para os senhorios, e lógica e justificadamente desfavorável (é sempre desfavorável sermos obrigados a mudar de lugar para outro pior, embora aquele não nos pertencesse...) — desfavorável dizia eu — para os inquilinos... Para quê, pois, tanta prosa, tanta fonografia de argumentos, tanta exibição de cultura para hostilizar essa lei — quando (para mim, pobre escriba simplório) bastava a sua lógica, a sua justiça, o seu equilíbrio para a reprovarmos.

Se a nova lei protege os senhorios e desfavorece os inquilinos, por mais lógica, justa e equilibradamente que seja, ela é pelo menos injusta. Podia, desde já, explicar-me com este critério: entre 5 milhões de portugueses, 4,900,000, pelo menos, são inquilinos e apenas 100.000 (na melhor das hipóteses) são senhorios; e entre uma maioria tão esmagadora, sacrificada, mesmo com razão, a uma minoria a quem se faz justiça, sacrificando aquela, não se pode hesitar. Não se pode, pela eloquência do número; e não se pode porque dentro dessa maioria uma outra maioria sacrifica os senhorios porque não se pode sacrificar mais a si própria, porque não ganha o suficiente para oferecer maiores regalias aos caseiros, porque a necessidade impe-

riosa de ter um tecto, mesmo com o actual pre-julzo dos caseiros, é já um sacrifício. E tal como estava tínhamos um só sacrifício, dividido em partes iguais por uma maioria e uma minoria. O contrário é uma maioria ajoujada com um duplo sacrifício — para alívio de uma percentagem mínima de indivíduos.

Mas não é esta a razão simplista que desejo apresentar — mas sim outra, mais simplista ainda. Se existem, entre os 4.900.000 inquilinos, alguns que exploram o senhorio (sendo até senhorios favorecidos), essa percentagem não vai além de 10%, o que não abala, nem ao de leve, as colunas em que ela, maioria, se mantém. Neste caso, essa maioria corresponde, na quisi totalidade, a gente que não tem casa sua, que trabalha para viver. E qual é o argumento dos senhorios, para se defenderem e imporem a sua indiscutível justiça? Uns — que o total das rendas é inferior às despesas que os prédios lhes dão (mínimo, dentro do mínimo); outros — os mais engraçados —, que o rendimento dos seus prédios não lhes chega para viver. Já vamos aos primeiros; quanto aos segundos — pergunto eu: é justo, mesmo com justiça, que para uma minoria poder viver dos rendimentos da casa que aluga se prejudique, ao de leve sequer, a maioria dos que trabalham e lutam para lhes alugarem a casa? Desde quando e a que lógica obedece a existência do direito dos senhorios defenderem os seus interesses como profissionais dum officio, intitulando-se profissionalmente senhorios como os inquilinos se intitulam operários, serralheiros, empregados do comércio, jornalistas, advogados, oficiais do exército ou pintores? Ser senhorio é uma profissão? E lá possível que uma minoria de indivíduos exclame para uma maioria: «Eu quero viver sem trabalhar, e como o dinheiro que tu me pagas não me chega, trabalha tu mais ainda do que trabalhas ou tira-o ao teu alimento e ao de teus filhos para que me pagues o que as minhas necessidades exigem...» Não! Não é possível nem justo — nem quando lhes cabe justiça...

Abençoado estadista que me permitiu expôr esta opinião, provando, contra todos os engratadíssimos Ameais da terra, que da discussão pode nascer a luz. Se da minha comparticipação não fizesse um holofote — pode talvez ter incendiado esta pequena claridade: a de se perguntar à minoria dos senhorios: «Se o rendimento das vossas casas não lhes basta — porque não experimentam ganhar o que lhes falta trabalhando como os vossos inquilinos?» Com uma diferença: que os senhorios, se fizessem a experiência, apenas se fatigavam para equilibrar o orçamento, e os inquilinos são obrigados a trabalhar para cobrir todas as suas despesas, desde as do pão, que é sagrado, até à do senhorio, que não o é... Pelo menos que eu saiba. Cristo não disse: «Amai os senhorios como a vós próprios!»

REPORTER X



—E' este o cão com quem é preciso ter cuidado?
— Sim senhor... Ter cuidado em não o pisar...

Êxito sempre crescente dos nossos Concursos «KOLOSSOS»

O entusiasmo da «Terceira Batalha Naval» ultrapassou o das duas primeiras semanas

O «Reporter X» atingiu uma tiragem inédita entre todos os semanários portugueses

Atendendo aos numerosíssimos pedidos que nos dirigiram de toda a província, o «Reporter X» vai centralizar os Concursos «Kolossos» em Lisboa e, em ritmo com o interesse invulgar do público, aumenta o total dos prémios para

ESCUDOS 6.000 ESCUDOS

E' tão evidente, tão eloquente, tão ruidoso e berrante o êxito obtido pelos nossos CONCURSOS KOLOSSOS, nas três primeiras BATALHAS NAVAIS — que por um sentimento de pudor que é, afinal, um reflexo do nosso legítimo orgulho, evitaremos expressá-lo em prosa, emoldurá-lo em adjectivos, mesmo equivalentes e sóbrios. O público, o país inteiro, mesmo os que vivem mais isolados ou distraídos, deram conta exacta do nosso triunfo, tornando-se desnecessário que dêmos informemos. Basta assistir ao acontecimento que constitue, todas as setas feiras, a abertura em Lisboa, Porto e Coimbra dos envelopes lacrados que contêm a decifração da «batalha» da semana, para se dar o valor exacto da nossa iniciativa e a sugestão que produziu. Destinamos, pois, ao próprio público a *reportagem* do nosso êxito...

Uma nota saliente apreciámos no decorrer das últimas duas semanas: De toda a província recebemos repetidas e numerosíssimas cartas assinando, no mesmo sentido, que o facto de dividir-

SEM SE COMBATER NÃO SE PODE VENCER!

Todas as sextas-feiras, às **10 horas da manhã**, será afixado, em Lisboa, na montra da Tabacaria do «Café Chave de Ouro», no Rossio; na «Havaneza do Calvário», Largo 20 de Abril, 27-28; «Castela, L.da—Sapataria Chiado», Rua Garrett, 96; na «Havaneza do Almirante», Rua José Falcão, 41-43; no Porto, na casa Manuel da Silva Braga, na Praça da Liberdade, 129, e em Coimbra, na Tabacaria Silva, Rua Ferreira Borges, 41, um envelope KOLOSSO, fechado e lacrado, contendo dentro um rectângulo, como êste:

EXEMPLO:

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
1	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
2	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
3	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
4	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
5	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
6	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
7	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
8	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
9	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
10	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■

Dentro d'êste retângulo oculto no envelope, em posição horizontal ou vertical e separados uns dos outros, o Reporter X colocará as seguintes unidades da sua *esquadra*:

mos o nosso prémio em quantias iguais por Lisboa, Porto, Coimbra e províncias constitue uma desproporção merecida, visto que, apesar da nossa expansão nas três principais cidades do país ser invulgar e mesmo inédita nos anais da nossa imprensa, os leitores, os exemplares e os concorrentes de toda a província, onde o nosso jornal se infiltrou até aos povoados mais insignificantes, totalizaram um número superior ao daquelas três cidades. Atendendo à indiscutível razão que assiste aos nossos leitores da província e na intenção de collocarmos os concorrentes no mesmo pé de igualdade, resolvemos, a partir da QUARTA BATALHA NAVAL, ou seja a iniciada esta semana pelo presente número do «Reporter X», centralizar todo o movimento do concurso em Lisboa e estabelecer um só quadro de prémios, ao mesmo tempo que elevamos o montante d'êsses prémios, que era de 4000 escudos para,

Esc. 6.000 Esc.

BATA-SE COMNOSCO!

- 1 *navio almirante* de 4 canos, que ocupará 4 pequenos quadrinhos seguidos.
- 2 *cruzadores* de 3 canos, que ocuparão, cada um, 3 pequenos quadrados seguidos.
- 3 *«destroyers»* de 2 canos, que ocuparão, cada um, 2 quadrinhos seguidos.
- 4 *submarinos*, que ocuparão um pequeno quadrado, cada.

A habilidade de cada concorrente estará em destruir esta *esquadra*, cujas posições se encontram escondidas no envelope, com uma série de **quarenta e cinco tiros**, que marcará (sem tocar as linhas, sem rasuras nem emendas) ao centro de cada pequeno quadradinho.

EXEMPLO:

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
1	●			●		●			●	●
2		●								●
3		●								●
4		●								●
5		●								●
6	●	●			●					●
7		●	●		●				●	●
8		●	●		●				●	●
9	●			●		●			●	●
10	●			●		●			●	●

Os tiros marcam-se com um ponto a tinta na

Desta forma todos os concorrentes que não sejam de Lisboa, portanto os do Porto, Coimbra e província enviar-nos-ão pelo correio a sua «Folha de Combate» para os escritórios centrais do «Reporter X» em Lisboa — Rua do Alecrim, 65, sobre-loja, acompanhadas de um selo de vinte e cinco centavos, para que imediatamente lhes sejam remetidas as respectivas senhas. Os envelopes lacrados com as resoluções continuam a ser expostos nos mesmos locais de Lisboa, Porto e Coimbra, sendo as decifrações e as folhas premiadas expostas, do mesmo modo, nas ditas cidades. Outra razão existe para que centralizemos o nosso concurso em Lisboa. É que o êxito das «Batalhas Navais» tomou tais proporções, exige uma tão complexa e vasta organização administrativa para atender e corresponder aos muitos milhares de concorrentes (e este número cresce desproporcionadamente todas as semanas), que se tornava difícil, se não impossível, a dispersão dos serviços pelas outras cidades.

BATA-SE COMNOSCO!

«Folha de combate» que publicamos todas as semanas. Essa «Folha de combate» será preenchida pelo concorrente com o seu nome e morada conforme o impresso indica, e entregue pessoalmente ou pelo correio (e neste último caso acompanhada de um selo de \$25) até às **19 horas da quarta-feira seguinte**, na Administração do Reporter X, Rua do Alecrim, 65, 1.º, para os concorrentes de Lisboa, que receberão em troca uma senha numerada. Os concorrentes do Porto e de Coimbra farão a entrega da sua «Folha de combate», respectivamente, na Praça da Liberdade, 129 e Rua Ferreira Borges, 41, até às **17 horas** prefixas de quarta-feira, recebendo igualmente em troca uma senha numerada. Os das províncias enviar-nos-ão as suas «Folhas de combate» pelo correio, de forma a chegarem à Rua do Alecrim, 65, 1.º, na quarta-feira seguinte à da publicação de cada folha, acompanhando a remessa com a franquia de \$25 centavos a-fim-de-lhes ser remetida a respectiva senha numerada. Dentro dos prazos estabelecidos, qualquer concorrente nos pode enviar de qualquer ponto do país a sua «Folha de combate», acompanhada da franquia postal, para a nossa administração de Lisboa.

Na semana seguinte os envelopes KOLOSSO afixados em Lisboa, Porto e Coimbra serão abertos à frente do público, patenteando as posições da nossa *esquadra*, e o Reporter X dêsse dia reproduzirá as mesmas posições, por onde os concorrentes verificarão, num relance, até que ponto os seus tiros foram eficazes e destruidores.

E logo ao lado dêsse envelope aberto outro envelope KOLOSSO surgirá fechado e lacrado contendo as posições da *esquadra* para a grande batalha da nova semana que começa.

(Ver prémios e «Folha de Combate» na pag. 16)

ALGUNS DOS FELIZARDOS DO 2.º CONCURSO



Faltam muitos retratos de premiados de Lisboa, Porto, Coimbra e provincia.

EM CIMA: Calixto Cardoso, 1.º prémio 500\$00, de Lisboa; 2.º António de Amorim Júnior, 200\$00, Lisboa; Adelaide Costa, 50\$00, Lisboa; José Joaquim Duarte, 50\$00, Lisboa; Dionísio Dias Rodrigues, 50\$00, Lisboa; Luiz Alves Miguel, 50\$00, Lisboa; Armando Marques, 20\$00, Lisboa. NO MEIO: Eloy Pereira, 20\$00, Lisboa; João Bastos Nunes, 20\$00, Lisboa; Duarte Carlos Cabral, 50\$00, Porto; Joaquim Santos Correia, 50\$00, Coimbra; Francisco Dias Antunes, 20\$00, Lisboa; Flório Gonçalves, 20\$00, Lisboa; Nuno Humberto Pacheco, 30\$00, Coimbra; Ivo da V. Cortesão, 200\$00, Coimbra. EM BAIXO: Eugénio Fernandes, 20\$00, Lisboa; Afonso Duarte Candeias, 20\$00, Lisboa; Eduardo da Fonseca, 500\$00, Porto; Joaquim Matos Júnior, 20\$00, Lisboa; David Leandro, 20\$00, Lisboa; Emérico Coelho, 20\$00, Coimbra; Alfredo Varela Pinto, 20\$00, Coimbra; Carlos de Sousa, 20\$00, Lisboa.

O momento emocionante do 2.º concurso



maneira insosfismável o interesse sempre crescente pelos nossos Concursos KOLOSSO.

O momento mais emocionante do segundo Concurso «Kolosso» das nossas Batalhas Navais foi sem dúvida a abertura do envelope lacrado em exposição na montra da Tabacaria do «Chave de Ouro». Assistindo a êsse acto aglomeraram-se centenas de pessoas para verificarem a posição da esquadra do «Reporter X», na segunda Batalha Naval, e certificar-se rapidamente dos resultados obtidos pelos seus tiros. A fotografia junta mostra duma

*Américo Coelho	Esc.	20\$00
David Leandro	»	20\$00
Alfredo Varela Pinto	»	20\$00

Provincia

Alberto Pereira de Lemos	Esc.	500\$00
Lúcio Jacinto Nunes	»	200000
Angelo Santos	»	50\$00
Etelvino Ferreira Gaspar	»	50\$00

Resultados das «Batalhas Navais»

1.º Concurso

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	
1											1
2											2
3											3
4											4
5											5
6											6
7											7
8											8
9											9
10											10
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	

2.º Concurso

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	
1											1
2											2
3											3
4											4
5											5
6											6
7											7
8											8
9											9
10											10
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	

Lista dos premiados do 2.º concurso

Lisboa

Calixto Cardoso	Esc.	500\$00
António Luiz Amorim J.ºr	»	200\$00
Adelaide da Costa	»	50\$00
José Joaquim Duarte	»	50\$00
Dionísio Joaquim Rodrigues	»	50\$00
Luiz Alves Miguel	»	50\$00
Armando Marques	»	20\$00
Carlos de Sousa	»	20\$00
Eloy das Neves Pereira	»	20\$00
Francisco J. Ferreira	»	20\$00
Luiz António Henrique Campos	»	20\$00
João Bastos Nunes	»	20\$00
Eugénio Fernandes	»	20\$00
Afonso Duarte Candeias	»	20\$00
Francisco Dias Antunes	»	20\$00
Jorge Ferreira	»	20\$00
Maria Cristina C. Candanedo	»	20\$00

Flório R. Gonçalves	Esc.	20\$00
Joaquim Matos Júnior	»	20\$00
José de Araújo Cerveira e Serra	»	20\$00
Francelino Gomes Pêso	»	20\$00

Porto

Eduardo da Fonseca	»	500\$00
Teófilo Melo Peixoto	»	200\$00
Joaquim de Sousa Felix	»	50\$00
Maria Fernandes	»	50\$00
Anibal Manuel Pires Barros	»	50\$00
Duarte Carlos Cabral	»	50\$00

Coimbra

Joaquim Santos Correia	Esc.	500\$00
M.ª Candida da Silva Pereira	»	100\$00
Ivo da Veiga Cortesão	»	200\$00
Nuno Humberto Pacheco	»	30\$00

Os ordenados fabulosos das "estrêlas" e "ases" de cinêma

Os ordenados fantásticos, verdadeiramente americanos, das estrêlas e ases de cinêma são isco que arrasta para a profissão centenas de pessoas e faz delirar tanta cabeça povoada de sonhos irrealizáveis...

E justifica-se. Os ordenados em Hollywood são realmente de fazer tentar qualquer pessoa, por mais couraçada que esteja contra a ambição. Assim, Jackie Coogan acaba de firmar um contrato pelo qual a empresa se compromete a pagar-lhe, durante dois anos, quer trabalhe ou não, 7,500 dólares semanais, perto de 190 contos na nossa moeda!



De cima para baixo: o popular Charlot, Bebê Daniels, Mary Pickford e o pequeno Jackie Coogan

Como leitor, não te admires, que há mais e muito melhor. Greta Garbo, a artista sueca agora alcançada aos pínculos da fama, confessou, há dias, a um jornalista estrangeiro que o seu trabalho rendia a vertiginosa quantia de 980.000 dólares anuais, ou sejam, mais ou menos, 2.450 contos!!

Ana Harding percebe 6.000 dólares semanais, cento e cinquenta contos de sábado a sábado, e rescindiu o contrato porque... lhe ofereceram mais.

A prática, negociante, como a alcunhamam os colegas, é Mary Pickford, a angelical estrêla com eterna expressão de juventude e ingenuidade. Pois é uma espécie de banqueiro em dia com as cotações, sempre afilada com a Bolsa, interessando-se mais pelos papéis de crédito do que com os papéis que tem que desempenhar no «écran». E' assim, com êste método, que ela faz prosperar a sua renda de mais de 100 contos semanais (4.000 dólares).

Bebê Daniels é a actriz que melhor cuida do seu reclame. Faz-se prender ou comete as maiores extravagâncias sempre com um fito: obrigar os jornais a falar dela, o que é uma forma como qualquer outra de obrigar os empresários a pagar mais, tendo já atingido o lindo ordenado de 8.000 dólares.

(Conclue na pag. 15)

Os traficantes de carne branca

O homem que fornece os lupanares do Porto

Como se inicia uma reportagem — 50 escudos por mulher — O que é a pensão de D. Amélia — ... E êste homem tem filhas...

DESDE que o «Reporter X», num dos seus primeiros números, teve a coragem de enfrentar os vários organismos e «trustes» nacionais de tráfico de brancas, desventrando as suas entranhas ignóbeis, raro é o dia em que não surge um novo

distinto colaborador do Porto, o sr. Balmaceda, realizou, para o nosso jornal, a sensacional reportagem que segue. A propósito dessa reportagem, várias cartas assinadas por nomes que consideramos respeitáveis a confirmam: Mas todas elas eram desnecessárias visto que o sr. Balmaceda toma inteira responsabilidade das revelações que faz.



Da esquerda para a direita: Maria Freitas, 18 anos; Rosa anos; Ema, de 15 anos; e Carmen, de 15 anos.

para a direita: Maria Freitas, 18 anos; Rosa anos; Ema, de 15 anos; e Carmen, de 15 anos.

UM «COELHO» QUE VEJO À CAÇA E FOI CAÇADO...

Não só em Lisboa, não só no Porto, não só em Santarem os repelentes negociantes de carne branca assentaram arraiais. Todo o país está envolvido numa rede desses comerciantes repugnantes, com os seus agentes, os seus escritórios, toda uma organização, enfim, que aos poucos vai caindo de baixo das pontarias certeiras das nossas reportagens. Mascaram-se, procuram novas camouffages, escondem-se na sombra, e tentam por todos os meios, como abaixo se verá, levar a bom termo o seu comércio de desgraçadas.

Foi no «Sá da Bandeira», num entre acto da peça «3 contra 1», que se iniciou esta reportagem, que ela veio ao meu encontro sem que eu a procurasse, que se denunciaram aqueles que pretendiam — a que porta julgaram êles que vinham bater? — que eu os encobrisse. Discutia eu com uns camaradas qualquer coisa banal, teatro, mulheres ou política, assuntos predilectos para entreter os ócios num intervalo duma representação, quando um cavalheiro baixo, bem vestido, simpático, sem me dizer quem era, disse que me queria falar em particular.

Afastámo-nos um pouco e o cavalheiro começou: — Como o senhor é colaborador do «Reporter X», nós queríamos que o senhor não tratasse dum caso.

Não inquiri quem eram êles, os que não que-

(Conclue na pag. 12)

index apontando a um caítan isolado ou a uma «empresa» comercialmente estabelecida com o único objectivo de explorar o corpo e a alma de pobres raparigas que caem às cegas, e aos bandos, nas ciladas que lhes armam. Por muito pessimistas que fôssemos, nunca visionámos uma rede tão tenebrosa e tão vasta como a desenhada pelos tentáculos desse imenso polvo da infâmia humana. São muitos os indivíduos que se dedicam ao trágico de mulheres; indivíduos de ambos os sexos, de todos os meios sociais, chefes de família, pais de filhos, e pais e mães de filhas até! E servem-se de todas as máscaras, de todas as influências, de todos os disfarces. Uns exportam para a América do Sul, para as Ilhas, para as Africas, a carne virginal que escamoteiam dos lares honestos; outros limitam-se a fazer tournées pelos bairros pobres e a deslocar as vítimas da sua miséria honrada para a miséria dos lupanares vizinhos. Uns operam a distância e à la manière des transatlântiques, dirigindo agentes enluvadados e intermedíarios de bom porte; outros manobram directamente, como Tenórios ternos e românticos ou como prot ctoras piedosas. Desprezando sempre os anónimos, as denúncias sem grande eloquência de provas e só aceitando as que se inspiram na verdade, o nosso dossier sobre o assunto cresce, dilata-se todos os dias, mostrando-nos a cada hora uma surpresa ruidosa, uma ignominia inesperada, um nome imprevisito. O nosso



A pensão de D. Amélia na esquina da Rua do Carregal

Uma reportagem ao passado

Gil Vicente e Maria Parda em Londres no ano de 1931

Os alfarrabistas «gentlemen» do Strand — A propósito do livro de Oscar Pratt — O pigmeu que fala português — a época doirada do nosso Portugal e o génio português — Evocações saudosas — O primeiro artigo do «Reporter X»

Foi durante a minha última estadia em Londres...

...Uma tarde em que a... noite, mas noite absoluta, incendiada em todos os seus braços eléctricos, começara ao meio-dia — deambulava eu pelo Strand, como franco-atirador de impressões, entre Fleet-Street e Trafalgar Square, quando uma brusca séde-de... cerveja me desviou da multidão e da luz e me fez atalhar por uma dessas ruas estreitas, silenciosas, quase desertas, que costumam marginalizar, discretamente, todas as grandes, luminosas e movimentadas artérias de Londres — e que são como bastidores onde os formigueiros humanos se dispersam ou se refugiam ou se preparam para a *fierte* do desfile em massa...

Só à saída do bar é que notei que estava num bairro de livreiros — mas não as *livrarias apalçadas* da City nem as *livrarias Grandela* do Strand, e menos ainda as *livrarias ultra-chics* de Piccadilly. Todas aquelas que monopolizavam os roda-pés do bairro, silencioso e discreto, só excepcionalmente tinham mais duma porta; algumas nem montra possuíam, e as outras contentavam-se com uma *vitrine* muito estreita, onde, à laia de diadema real em joalharia famosa, exibiam um único livreco, velhissimo, amarelado, picado de traça, estojado em veludo e sob o duche de luz de uma lâmpada violeta.

Acudiu-me a encomenda de certa obra rara com que o meu ilustre camarada Adelino Mendes me comissionara, e entrei numa daquelas casas. Mas logo ao primeiro olhar o cenário se metamorfozeou. Tapetes preciosos e macios afoavam os meus passos. As altas estantes que forravam as

PRANTO DE

MARIA PARDA, PORQUE VIO AS
Ruas de Lisboa com tão poucos ramais nas Ta
vernas, & o vinho caro.



Fac-símile de um capítulo de um auto de Gil Vicente

«Fac-símile» dum auto de Gil Vicente

paredes impressionavam como «côfres-fortes» para as últimas *toilettes* de milionários *yankees*. Os donos da casa e caixeiros formavam um elegante elenco de *gentlemen*, de fraque cinzento uns, de fraque debruado à «Eduardo VII» outros, e todos de lapelas floridas, colarinhos à Brulé, *plastrons* à Jorge V», polainas alvadias — e mesmo alguns monoculos. Frente a cada um deles alinhava-

— se uma «bicha» de clientes — menos *gentlemen*, na aparência, do que os caixeiros da casa. Contínuos fardados sirandavam, trazendo e levando alfarrábios que pareciam esfarelar-se, de velhos, nas mãos por onde passavam. Encontrava-me, pois, num alfarrabista, num dos muitos do bairro dos alfarrábios. Que infinito abismo entre estes e os que nós conhecemos, improvisando as suas sordidas caranguejolas pelas esquinhas de Lisboa!

A-pesar-da numerosa freguezia que enchia as salas do alfarrabista; a-pesar-do entusiasmo das



O distinto investigador sr. Oscar Pratt

controvérsias, da lenga-lenga dos caixeiros, apregoando valores, e do regateio dos clientes, só se ouvia zumbir um murmúrio, como num templo. Mas o mais impressionante do espectáculo eram as notas quantiosas e os cheques que a todos os instantes submergiavam na caixa. Quando chegou a minha vez, repeti inutilmente a minha pergunta sem que o *gentleman* que me atendia vencesse o atrito da minha terrível pronúncia inglesa. Próximos de mim estavam dois indivíduos, um deles idoso, de peliça, chapéu alto, e que, sem os óculos de aro de tartaruga que aca-

valara no nariz para examinar um folheto de cordel, recordaria um Chamberlain; e o outro, uma espécie de guomo de Walter Scott, talvez tão idoso como o companheiro, mas de faces tão lisas, rosadas e femininas que parecia um garoto. Veio o liliputiano, que era poliglota, em meu auxílio e quando soube a minha nacionalidade, exclamou: — «Ah! O senhor é português? Muito prazere! Voltando-se para o companheiro e confidenciando-lhe em inglês fôsse o que fôsse que o obrigou a observar-me com interesse, arrancou-lhe das mãos o livreco que estava folheando e mostrou-mo. Qual não foi o meu pasmo ao reconhecer o «Pranto de Maria Parda» do nosso Gil Vicente, numa edição da época.

— «Este senhor — explicou o pigmeu — possui quasi todas as obras de Gil Vicente. Existem em Londres algumas dezenas de estudiosos que se dedicam quasi exclusivamente a esse ilustre português. Formam uma espécie de sociedade de estudos especializados, que se corresponde com outras similares da Alemanha, Itália, França, etc.. Eu sou o secretário deste senhor — Mr. Z... (não fixe o nome) e traduzo os textos vicentinos. Mr. Z... é muito rico e à parte a política só se interessa pelo Gil Vicente. O que êle trabalha e gasta neste capricho! Olhe, este folheto, atrás do qual anda há mais de dois anos, acaba de lhe custar cento e vinte libras!»

Sai do alfarrabista perguntando quantos portugueses conheceriam a obra do nosso primeiro escritor teatral ou se interessariam por ela como aquele inglês.

Depois do que o ilustre catedrático dr. Queiroz Veloso rebuscou, vasculhou, encontrou, deduziu e escreveu sobre Gil Vicente e os seus autos;

depois do que Braamcamp conseguiu apurar e revelar sobre o mesmo homem e sobre a mesma obra, julgava-se esgotado o filão, rematadas todas as investigações. Foi, pois, com emocionada surpresa que a nossa minguada *élite* intelectual acolheu o último livro do distintíssimo escritor e investigador sr. Oscar Pratt, que é um mundo infinito de revelações inéditas, de critérios virgens, de deduções novas sobre Gil Vicente.

O livro «Gil Vicente» do sr. Oscar Pratt é dos poucos trabalhos do género que conseguem o milagre de apaixonar os leigos, de os converter e de os iniciar, ao mesmo tempo que oferece inesperados caminhos e insuspeitadas luzes sobre a figura focada. As trezentas páginas da sua obra são como que um *écran* onde um Fritz Lang, esbanjando, todos os recursos de um grande espectáculo, cenários de maravilha, artistas de génio, multidões disciplinadas e conscientes de figuração, misencenasse toda uma época, dando-nos em sucessivas visões eloquentes a sensação de vivermos dentro dela. E que época essa — o período mais doirado do nosso século de ouro —, em que Lisboa era o imã de todos os aventureiros e ricações, *Paris* e *América* de hoje para todos os europeus de então, que vinham atraídos pelas conquistas, descobertas, viagens aos continentes que estoiravam de riquezas virgens ou pela cubiça do negócio ou apenas para participarem da existência luxuosa e fôfa em que os tesouros desembarcados a diário se convertiam... Ao longo do Tejo, o martelar dos artefices orquestrava dia e noite uma barulheira excitante... Nos estaleiros, onde mourjavam, em grandes massas, homens de todas as raças, vindos de todas as partes da Terra, as nans e as caravelas, ora apenas esboçadas, como ossaturas de monstros marítimos descarnados, ora como palácios fantásticos de beira-mar, sucediam-se sem repouso... Mais de trezentas embarcações portuguesas entravam, cruzavam os oceanos, com todos os rumos, levando soldados ou aventureiros, conquistadores e funcionários, governadores e colonos. As portas da cidade escancaravam-se a uma multidão contínua de provincianos e de estrangeiros, sófregos de gozo e de riqueza... Pelas ruas formigavam, num desfile colorido, variado, incessante, burgueses endinheirados, damas sumptuosas, gente de todas as raças, num bulfício ininterrupto de festa... No palácio real, D. Manuel e a sua côrte, como supremos árbitros dos destinos não só de um povo e duma nação mas do mundo e da Humanidade, arrastavam uma existência de

fausto, reverberando tal brilho que cegava os soberanos e as côrtes mais venturosas e distantes...

Assinatura de Gil Vicente num documento de vestiar, passado em Evora a 11 de Agosto de 1535, e existente na Torre do Tombo

Simultaneamente a esta magia de prosperidade, de glória e de ventura, surgiu, numa aurora boreal, o génio de Gil Vicente — o pensador, o poeta, o artista, o que compunha e representava, organizava e dirigia os primeiros espectáculos. Todos os povos felizes e prósperos, sobretudo quando a sua felicidade e riqueza são conquistadas após longas e duras provas, esforços, sacrificios, querem distrair-se, revigorar o espirito — como prémio ou por necessidade... A obra de Gil Vicente foi tanto mais pasmosa quanto é certo

(Continua na pag. 15)

A quebra fraudulenta dos super-homens, dos reis por direito divino, dos papas infalíveis, dos bruxos por confidências de Satanaz, que os povos adoravam num misto de fanatismo e de terror, dignificou a Humanidade, mas não extinguiu, por completo, o instinto coletivo da idolatria. Nas raças mais civilizadas, esse instinto mascara-se sob a etiqueta de curiosidade.

Esta curiosidade infantil é legítima até certo ponto... Por mais naturalistas que sejamos, a visão dos super-homens, seja Afonso XIII ou um Hitler ou um Einstein, dilata-se no no: so espírito, como se estivessem à margem de todas as leis da natureza. E os ídolos, por sua vez, procuram merecer da fantasia do vulgo, exagerando as aparências. Mas qual é o fanatismo, a adoração que possa resistir a um arrôto de D'Annunzio, a uma azia mal humorada e grosseira de Chevalier ou a uma dengue íntima de Trotsky?

UM BANQUETE DE SUPER-HOMENS

Há pouco tempo coincidiram em Londres vários super-homens da política mundial, divididos por várias conferências de caráter diverso. O lord Westminster, o mais rico de todos os ingleses, teve o capricho de os reunir a todos à volta da sua mesa, num banquete sumptuoso e memorável. Entre outros «ídolos» estavam Briand e Laval, ministros da França; dr. Brüning, o ministro-diabolo das finanças alemãs; Macdonald, então chefe do gabinete britânico; Vanderveide, estadista belga; o embaixador dos Estados-Unidos; o dr. Carnoti, braço direito de Mussolini e sua varinha mágica das grandes ideias; Chamberlain, etc.... No dia seguinte, o lord Westminster exibiu aos seus íntimos umas «fotos» obtidas na véspera... Numa aparencia Macdonald, Brüning e Vanderveide, formando uma roda de mapples, e em todos os rostos se espelhava uma expressão grave e profunda: «Quem vir este grupo pensará que os três grandes políticos discutem a crise mundial, não é assim? Ou talvez o problema das reparações? Pois bem! Leiam no verso o que escreveu o jornalista que eu encarreguei de bisbilhotar os meus convivas e de pôr legendas nestas fotografias... Cá está: «Neste momento Macdonald acabava de fazer uma apreciação ao colo esbelto da embaixatriz de Z...; o dr. Brüning, a propósito, contou uma anedota pornográfica, afirmando que se passara com aquela diplomata e com um político alemão; e Vanderveide, interrompendo-o, pediu-lhe para esperar um minuto porque a lagosta «a la perse» que ele repetira três vezes lhe transtornara o aparelho digestivo e sentia a necessidade imperiosa de se ausentar um pouco...»



Marquês de Soveral

As pequenas e sensacionais intimidades dos grandes homens

OUTRAS PEQUENAS INTIMIDADES

... E já agora que citámos esse Olimpo de deuses da política internacional, permita-se-nos algumas revelações:

Briand: É um dorminhoco. Não perde uma oportunidade de cair nos braços de Morfeu. Quando se encontra numa situação que não o interessa (ouvindo um discurso banal, assistindo a um acto solene horrivelmente monótono) mas em que não pode, sem escândalo, aproveitar o tempo, dormindo, arranja-se de forma a apertar a máxima atenção aos oradores — mas... com as pálpebras caídas. Muita gente julga que uma posição habitual de Briand, quando aguçados todos os seus sentidos, é a de apertar as fontes com a mão direita, apoiando o cotovelo direito no braço esquerdo e velando os olhos. A verdade é que ele procede assim não só; ara que não o vejam dormir como para evitar risonar. Afirma-se que ele risona, produzindo autênticas notas de jazz-band, e este precalço já uma vez o ia comprometer. Desde então estudou o modo de cortar esta indiscreção involuntária, colando o braço ao nariz enquanto a mão prensa as fontes — e assim abafa... a música pouco harmoniosa do seu risonar...

Briand detesta os bons cigarros e os bons charutos. Fuma «Caporal» — que é o tabaco mais ordinário e barato da «Regie Française»; e como este hábito era pouco elegante mandou fabricar, com o papel e o tabaco do «Caporal», simulacros de «bout-doré» e de «bout-rouge». Um dia, o embaixador de Itália, que é um entendido e um refinado no referente ao vício do fumo, pediu-lhe um dos seus cigarros — convencido, pela aparência, de que era um parente dos «Abdulas» ou dos «Egipcios»; mas, mal tirou a primeira fumaça, engasgou-se e tossiu. — «Os seus cigarros, sr. ministro, são falsificados!» — denunciou o diplo-

O palco e os bastidores da vida pública — Um banquete de políticos internacionais — Laval, Briand e Brüning — O frio de Júlio Dantas, as manias de Camilo e as anedotas de Brito Camacho — Soveral e Eduardo VII, etc., etc.

vivência com os «super-homens» obrigam-no a modificar os seus hábitos modestos. Logo que subiu, pela primeira vez, ao governo, mudou de residência, passando dum terceiro andar modesto,



Briand, o dorminhoco...

em Commercial-Street, para uma «vila» elegante, em Kensington. Conta-se que ele, apesar disso, mantém, na intimidade, o mesmo mobiliário que lhe serviu sempre; que dorme na mesma cama de feno dos tempos de empregadote; e que come na mesma mesa e com os mesmos talheres com que comia. Só a sala e o gabinete de trabalho é que foram mobilados de novo. Quando os deveres políticos o levam a oferecer banquetes ou festas diplomáticas, aluga tudo — desde os guardanapos até aos copos, desde os tapetes até aos pratos... Um dia em que se preparava para uma dessas festas — sua filha encarregou-se do aluguer do material; mas, como estava com pressa, explicou confusamente ao comerciante especialista destes negócios (que existem, e numerosos, em Londres e Paris) o que queria. Chegou a hora do banquete e Macdonald, ao entrar no salão de jantar, viu com surpresa as paredes todas cobertas com retratos antigos — fidalgos do século XVIII, almirantes do século XVII, guerreiros gloriosos do século XVI... E logo os seus convivas, admirando o estendal dos quadros, começaram a apertá-lo com perguntas — convencidos de que se tratava de ascendentes de Macdonald. E Macdonald, suando em bica, teve de improvisar os nomes e o parentesco daqueles cavalheiros... Súbito, o embaixador presente interrompe-o, exclamando: «Tem graça! V. Excelência, sr. ministro, deve ser parente do encarregado de negócios da República de Z... Porque? Porque na semana passada convidou-me a jantar e mostrou-me uma colecção de

quadros exactamente igual a esta, retratando os mesmos gloriosos antepassados — que também eram seus antepassados...» Dum relance Macdonald decifrou o enigma. O tal encarregado de negócios usava do mesmo processo quando oferecia banquetes — e alugara o material ao mesmo comerciante. Este era tão minucioso no seu trabalho que até fornecia retratos dos «avós gloriosos» dos seus clientes; e como só possuía uma colecção — alugava sempre a mesma.

— «Não há divida — tartamudeou Mac-Donnald. — Somos primos...»

Laval: O ministro francês que tão rapidamente se evidenciou, tem só uma fraqueza: a superstição. Deixa-se escravizar pelas crendices mais infantis, como um árabe. Uma das suas mais graves superstições é a dos gatos pretos. Pode ir cheio de energia e confiança para a luta; mas se lhe surgir no caminho um bichano negro, já se sabe que volta para trás e que não existe eloquência humana que o convença do contrário. O «Vu» contava há pouco tempo que uma tarde ele era aguardado com impaciência, na Câmara, pelos seus amigos políticos, porque estes sabiam que do seu discurso dependia o triunfo do ministério. Os adversários, que tão pouco ignoravam a importância desse discurso, usaram de um *truc* para evitar esse triunfo, encarregando alguém de soltar um gato negro no patamar da casa do ministro. Quando este ia a sair, sorridente, optimista, tropeça no gato; blasfema, pragueja, amaldiçoa todos os gatos da Terra, e regressando a um gabinete, telefona aos seus colegas dizendo que não contasse com ele... Esta notícia produziu um verda-



Dois «ases» da política: Macdonald e Brüning

deiro pânico no governo. Era preciso demover Laval da sua resolução, custasse o que custasse! Houve uma ideia salvadora, que partiu de Maurice Legrand. Tomou um taxi, foi a sua casa, onde possuía um gato branco, pintou-o de negro e levando-o à residência de Laval, declarou-lhe: «Tu, na obsessão das tuas crendices, pareces um cego. Não vês que o que os nossos adversários quiseram foi impedir que tu falasses, mas nem sequer conseguiram um autêntico gato negro?» — «Era negro!» — afirmou Laval. — «Eu bem o vi!» — «Enganas-te... Queres a prova?» E levando o gato que trouxera de casa (e não o outro) à casa de banho, mergulhou-o na tina, o que bastou para que desistisse e voltasse à sua brançura imaculada. Conventado, Laval foi ao Parlamento, e triunfou.

OS NOSSOS ÍDolos... POR DEN-TRO

Vejamos agora os nossos ídolos:

Camilo: Viveu sempre sob o terror inconfessado do sobrenatural — contou-nos um dia a simpática nora do grande romancista. Nas noites de vigília, em que ficava sozinho no seu gabinete de trabalho, era vulgar ouvi-lo gritar: «Quem está aí? Quem é que falou?» E muitas vezes abandonava, correndo, o gabinete e refugiava-se junto de qualquer pessoa de família. Outro terror seu — e este profético — era o da cegueira, e tanto assim que evitou sempre que pôde, na sua imensa galeria de tipos, os cegos. Apenas existem dois ou três. Ao terminar um dos seus últimos romances baseado num episódio real e heroificado por um cego, demorou a entrega ao editor, apesar de necessidade de dinheiro, para o refazer por completo e substituir o cego por um paralítico.

Camilo auto-sugestionava-se com uma facilidade doentia. Em 1863 — contou-nos o filho do velho actor Dias —, abalou, em plena madrugada, de S. Miguel, montado num cavalo, e entrou em Braga, em louca galopada, indo visitar imediatamente aquele seu grande amigo. «Venho despedir-me de ti. Tenho a certeza de que morro hoje! A morte persegue-me há vinte e quatro horas!» O actor Dias tentou sossegá-lo, indagando em que se baseava para tão convicta afirmação. Camilo abeirou-se da janela e apontando para um sujeito magro, vestido de negro, que passeava no passeio fronteiro, confidenciou: «A morte é aquele homem. Andou todo o dia a rondar os muros de S. Miguel. Às 2 horas da madrugada espreeitei pela janela, e vi-o. Resolvi fugir, sem nada dizer à Ana. Mas ele chegou primeiro do que eu! É acusado de tentar escapar-lhe...» Entretanto constava em Braga que Camilo viera visitar o actor Dias e o quarto deste, no Hotel do Minho, encheu-se de admiradores. No entusiasmo da conversa, Camilo foi esquecendo pouco a pouco de seus temores e quando voltou para S. Miguel ia alegre e optimista. O actor Dias reparou então que o homem de negro se preparava para segui-lo, e abordou-o:



Camilo

«É que sou um grande admirador de Camilo e não me canso de o contemplar!» — explicou a «Morte»...

O Marquês de Soveral, que foi, sem dúvida, o príncipe dos diplomatas do último regime, amigo de tu de Eduardo VII, tinha uma pequenez moral que a ele próprio vexava: roía as unhas numa inconsciência teimosa. Chegou a consultar médicos para perder esse vício. Ele próprio humedecia a ponta dos dedos com um líquido amargo para se defender contra esse hábito. Mas tudo foi inútil porque o conservou até morrer...

Muita gente estranhava o pitoresco do seu rosto, do seu bigode, da sua mosca, e julgavam-no calvo... porque o cabelo lhe caíra... Afinal era ele próprio quem, desde muito novo, se preparava assim, como um artista que quisesse «faire une tête», rapando os cabelos à navalha antes que a idade iniciasse uma calvície... natural. Porquê? Porque muito novo se apaixonara por uma dama inglesa que era um modelo de fidelidade e que adorava loucamente o esposo, sem transigir à menor súplica do seu enamorado. Pelo contrário, repelia-o. O marido morreu pouco depois, e Soveral, sabendo-a inconsolável e vivendo cercada pelos retratos do defunto, teve uma ideia que tanto pode ser genial como infantil: imitar o marido, copiar-lhe o rosto, a calva, o bigode, a mosca, com o fito de conquistar a viúva pela sua semelhança com o morto. Conquistou apenas uma amizade, feita de saúde e de simpatia, mas apesar desse pouco, manteve a sua «tête» original até aos últimos dias...

João Chagas: Ninguém pode negar o talento deste grande jornalista português, dos primeiros da sua época e de todas as épocas. Mas como não existem perfeições humanas, o seu valor intelectual era prejudicado por uma indolência de beduíno e uma mandriche nata. Os editores e os directores de jornais sofriam verdadeiras angústias para lhe arrancarem os originais. Antes da República tinha ele fechado um contrato importante com um editor para a publicação de uma obra que devia render uma fortuna pela oportunidade, mas que era preciso ser lançada o mais rapidamente possível. O editor, que o conhecia, levava-lhe todos os dias cinco libras, contra a entrega da sua prosa, com a condição de que ela devia estar pronta às 10 da manhã. Numa das últimas entregas, o editor teve de esperar das 10 ao meio dia, porque João Chagas estava deitado e tinha... sono. Quando este entrou na sala e recebeu a quantia estipulada, o editor protestou: «Parece impossível, João, levanta-te a estas horas! Um homem como tu precisa erguer-se cedo!...» — «Ora adeus, meu amigo! — ripostou Chagas acercando-se da janela e espreguiçando-se. — Levantar cedo! Levantar cedo! Conheço a cantiga! Vês aquele desgraçado que está no fim da rua a calcetá-la! Levantou-se às 6 horas e até às 7 não descansa e só ganha dois tostões! Eu levantei-me ao meio dia, ainda não fiz nada e já ganhei cinco libras! Já vês que não é preciso levantar cedo, mas sim ter talento!»

Dr. Júlio Dantas: É um friorento e cuida da sua saúde com a meticulosidade de um médico que se dedica verdadeiramente a um doente. Para se deitar abafa-se com várias camisolas, pijamas grossíssimas, roupões fortes, etc.... Trabalha bastante no leito, sempre muito abafado e bebendo chá com muito açúcar. Quando se encontra sozinho não pega nunca no cigarro com os dedos, mas sim com uma pinça. Quando às vezes, para se encontrar com um amigo, vai à «Marques» ou ao «Café Chiodo», não tempera o seu chá com o açúcar da casa. Desemboia uma caixa preciosa, semelhante às que os nossos avós usavam para o rapé, e retira dela o açúcar, de que está



(Conclue na pag. 12) Júlio Dantas



A volta da mesa do mais rico dos ingleses reuniram-se varios super-homens da politica mundial

firmou este. — Mas sou eu quem os manda falsificar!»

Macdonald: Como se sabe, o chefe do partido trabalhista inglês e ex-presidente do ministério começou como praticante de escritório — não passando nunca de guarda-livros. Por muito democrata que seja — os seus triunfos políticos e a con-

mata italiano, julgando dar uma grande novidade a Briand. — «São! — con-

NA luta universalmente empreendida contra essa abjeção da carne e da alma que é o aborto, em defesa da mãe e da criança, o nosso país entronizou-se num lugar de destaque. E em Portugal, entre todos os que pelem nessa campanha, o sr. dr. Costa Sacadura conquistou um posto de máxima actividade e brilho no combate, o que tem proporcionado a esse homem de ciência os aplausos mais lisonjeiros — jámais regateados por este jornal. A sua melhor obra, neste campo, é, indiscutivelmente, a da fundação da «Maternidade Magalhães Coutinho», ideia de largo alcance social, onde aquele médico, contra a rotina geral, moldou no bronze das realidades o maior número possível de utopias generosas. Mas as ideias do antigo presidente da «Sociedade Médica» foram mal assimiladas pelos seus colaboradores, talvez por falta de cultura especializada, por desconhecimento técnico da pro-

T S F... X

infectados, mas não estacou aqui o calvário da desditosa senhora. Depois de várias emergências que dariam um *film* de aventuras, a pobre senhora passou alguns dias sem comer, porque — diziam — o comer «não chegava para ela».

Claro que semelhante facto obrigou a vítima a queixar-se ao sr. dr. D. Pedro da Cunha e Menezes, e cujos cuidados estava já entregue, e que sempre foi para ela de grande dedicação a contrariar com a impiedade de algum pessoal subalterno. A sr.^a D. Joaquina esteve ali mais algum tempo, o filho adoeceu e ia morrendo, até que a certa altura pediu alta, ainda doente, preferindo ir acabar de se tratar cá fóra do que continuar ali em semelhante inferno, que lhe ia custando a vida e ao filho.

Positivamente, a doente fugiu para salvar a vida; e fugindo é possível que perguntasse: «O sr. dr. Costa Sacadura saberá do que me fizeram?»

E' uma situação a que com o seu prestígio e a responsabilidade do seu nome tem que pôr cobro, sob pena grave de renegar a obra magnífica já realizada — e com gloriosos esforços pessoais.

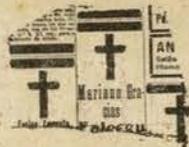
SE em Portugal houvesse o sentido das responsabilidades, há muito que a empresa do Parque Mayer teria sofrido maus bocados... Lisboa necessita de um Parque...

Mayer, êle existe, e é como se não existisse! E como existe, sem a menor aproximação do que devia ser, e sem quem lhe peça contas ou reaja, vá de chacotear com o público e com os pobres desventurados que, a dentro do esquite que lhe permitem, tentam dilatar-se, explorando qualquer negócio além fronteiras daqueles senhores feudais. O preço normal (?) da entrada, que nós pagamos voluntária e tenazmente, contra tudo e contra todos, é já um abuso visto que, em troca, nada nos oferecem; abuso porque não existe um divertimento, uma caricatura sequer do que é o *Turo-Park* e o *Soturno-Park*, de Barcelona; o *Luna-Park* e o *Magic-City*, de Paris; o *Winter-Stub-Park*, de Londres, etc. Mas não contentes com êsse abuso, quando lhes apetece, tomando o público, em geral, por papalvos dos arredores, aumentam a tarifa, como no dia 11, numa desproporção que nos vexa, não pelo valor, mas pela triste ideia que fazem dos que o aceitam, como nós o aceitámos para medir até que extremos ia o seu desafôro. «E' que êste bilhete dá «entrada» no tapete rolante!» Bolas! O tapete rolante é uma vulgaridade, mesmo para os que nunca foram comprar um carrinho de linhas ao Louvre ou tomar um *metro* em qualquer cidade europeia. E' como se êles nos dissessem: «E' mais caro porque dá licença aos senhores de contemplarem um chinês ou de andarem descalços como os mahometanos nos seus templos!» Ou são ou pretendem fazer-nos parvos!

EXISTE um hábito quasi exclusivo dos países ibéricos, que é o da «publicidade da morte». Os mais modestos e apagados dos cidadãos, daqueles que jámais viram o seu nome em letra linotipada nos jornais, ao falecerem têm anúncio encabeçado por uma cruz, que a família *bota*, porque parecia mal se não *botasse*. São vaidades macabras e incompreensíveis, em que muita gente resvala, não por mal mas por... disciplina ao lugar-comum.

Mas é doloroso, retrógrado, aflictivo mesmo. Não houve ainda quem tomasse a iniciativa da reacção contra êste cos-

tume? Tomamo-la nós! E' mais uma seita de inimigos que agrupamos na trincheira que nos metralha. Deixá-lo... E se os argumentos de bom senso não bastarem — outros invocaremos que talvez, pelo seu realismo brutal, cale nos espíritos mais obedientes às convenções. As famílias que sinceramente choram um morto querido e que *anunciam* os seus funerais, como se se tratasse de um espectáculo ou dum benefício ou duma «kermesse», não se lembram nunca do destino fatal que está reservado a todo o papel impresso que seja macio e flexível? Não visionaram — se são cristãs — o sacrilégio imundo que se pode inconscientemente cometer nas cruzes com que mandam ilustrar os anúncios? Não pensaram na blasfémia que representa a última e sórdida aplicação desses anúncios — que levam o nome do morto querido e a expressão da saudade e das lágrimas que deixa?



COMO êsses cavalheiros são mesquinhos! Há pouco tempo recebemos das Caldas da Rainha uma minuciosa informação sobre a existência de um *vampirozinho* que necessitava de holofote... Como é nosso costume, nada fizemos enquanto não enviámos ao local um redactor para tirar a «prova dos nove» ao assunto. Enquanto êsse redactor farejava, rabiavam os boatos correspondentes ao seu trabalho. Não houve influência que se não teclasse, nem proposta indirecta que não se esboçasse. Blindados, como estamos, para todos os assaltos, quanto mais alto se levantava a fôla onda do contra-balanço, mais firmes nos mantivemos na nossa resolução. Não existe *vermouth* que aguce tanto o apetite do *Reporter X* como êsse... do equívoco sobre a sua honorabilidade. Resultado: a antropometria do cavalheiro saiu berrante e rapidamente, adentro das fronteiras restritas da verdade. E o cavalheiro, mal habituado como estava, na *jonglerie* de consciências demasiado leves, vendo a inutilidade dos seus esforços contra a nossa couraça, esbracejou, epilético, não encontrando outro calmante para a sua impotente fúria do que o da vingança. Poucos dias depois, numa viagem de comboio entre Caldas e Lisboa, alguém escutou o seguinte diálogo: — «O que vais fazer a Lisboa?» — «Vou falar ao sr. D. Z... em nome de Y... (o nome do cavalheiro em questão) para que os tipos do «X» (nós!!!) recebam a paga do que fizeram.» — «Acho que fazes mal — ponderou o primeiro. — Se o teu amigo foi caluniado, que se defenda, o que é fácil, porque a justiça é severa nesse sentido. No caso contrário, parece-me disparate...» O segundo piscou o olho maroto e confidenciou: «A vingança é outra. O autor do artigo não é só redactor do «X»; também trabalha em (não se ouviu) e vamos solicitar que o ponham na rua, o que havemos de conseguir.»

Miseráveis! Duplamente miseráveis: pela estreiteza dos seus instintos vingativos e pela difamação que apregoam julgando os outros por si! Felizmente, onde julgavam encontrar apoio para a sua infâmia, encontraram firmeza de carácter. Se fôssemos garotos, dir-lhes-íamos: «Achatem o beque!»

QUANDO um dia, num último impulso de máximo vigor, Silva Graça, pai, rematou a sua indiscutivelmente brilhante e excepcional carreira de jornalista-criador, disse: «Entre os que me atacam sincera-

(Conclue na pag. 15)



... Abandonada na sua dor, em vão chamava quem a tratasse...

fissão ou por qualquer outro motivo, o que torna quasi nula, quando não contraproducente, a acção da «Maternidade». Felizmente que não é todo mas apenas uma parte do seu pessoal que deixa muito a desejar. E em grave relevo de «pior» entre o «mau» destaca-se uma parteira de nome Emilia, que constantemente dá lugar a reclamações.

Na citada «Maternidade» entrou há pouco, no último período de gravidez, a sr.^a D. Joaquina Pereira, que na madrugada seguinte, sentindo aproximar-se o momento de ser mãe, avisou a enfermeira, que, por sua vez, chamou a parteira de serviço, que era, por desventura, a tal Emilia. Esta mandou ingressar a parturiente na *sala de trabalho*, onde a abandonou, sem consideração pela profissão que exerce nem pelo cargo que ocupa, sem piedade pelas dores da doente.

A criança nasceu, decerto convencida de que se estivesse à espera da parteira muito teria que esperar. A Emilia não estava para se incomodar, e só depois de muito instada se dignou aparecer, vociferando insolências, gritando para quem a queria ouvir:

— Se a criança não tiver nascido, a mãe leva uma bofetada, porque a culpa é da mãe, que não se esforça...

Mas não. A criança tinha nascido. Embora... A parteira, aborrecida com o trabalho a que a obrigavam à hora em que lhe apetece dormir ainda, cuidou com tal *carinho* a doente que uma febre puerperal sobreveio apesar do parto ter decorrido normalmente.

No dia seguinte a pobre mãe passou à secção de

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O diário de maior circulação em Portugal

A VOZ

Director — J. Fernando de Sousa

JUSTIÇA SEMANA DO TRABALHO NACIONAL

Quarta-feira, 11 de Novembro de 1930

Este numero foi visado pela comissão de censura.

Numero anexo 2077 reis

MONUMENTOS QUE NUNCA PASSARAM DA "PRIMEIRA PEDRA"...



O monumento aos mortos da Guerra, que vai ser inaugurado na Avenida, tendo sido lançada a primeira pedra na Rocha

A PROPÓSITO do monumento aos mortos da Grande Guerra que devia ter sido inaugurado no «Dia do Armistício», vem a talhe de foice falar de estátuas. Lisboa, em comparação com outras capitais, algumas de países de menos extensão e menor população, é das que menos monumentos possui, se bem que haja quem diga que os tem já de mais. Apesar de poucas, nem todas representam grande espírito de justiça. Recordemo-nos que Vasco da Gama, padre António Vieira, Álvares Cabral, Camilo, Mousinho, Sacadura e tantas outras figuras nacionais não têm ainda uma estátua, não mereceram essa homenagem, que é — quando justa, e fôra disso é ridícula — a maior que uma nação pode prestar a um homem.



O monumento (?) a José Fontana

Mas, justificando a teoria das compensações, se temos poucas estátuas, temos lançadas à terra bastantes «primeiras pedras» para estátuas que nunca se farão, que nunca ninguém pensou em fazer erigir.

A RAZÃO DE SER DE TANTAS «PRIMEIRAS PEDRAS»

Porque sucede assim? É fácil a resposta a esta pergunta. Ela tem pronta explicação para quem conhecer a mecânica destas inocentes e patrióticas homenagens.

Fulano lembra-se de que... Latino Coelho, por exemplo, não tem uma estátua. Lança a ideia de se pagar essa sagrada dívida de gratidão — é assim que falam os artigos de «fundo» se a ideia pega — e logo concede entrevistas aos jornais em atitudes de iluminado, e faz um livro que, aproveitado o reclamo, se vende.

Depois nomeia-se uma comissão, cinco, oito, vinte e às vezes mais pessoas que vêm o nome nos jornais, passam à categoria de notáveis, e quase sempre aproveitam, como autênticos parasitas, da evocação do morto que dizem homenagear. Abrem-se subscrições, fazem-se mais discursos, há mais festa, e lança-se a fatídica «primeira pedra» de que Lisboa está pejada.

A odisseia das nossas estátuas — Lisboa pejada de «primeiras pedras» — Um monumento «semeado» na Rocha vai nascer na Avenida — As pedras do monumento do Marquês de Pombal.

E aqui, na «primeira pedra», quasi sempre termina tudo. Os cabotinos exibiram-se, os literatos venderam os livros..., e a notabilidade falecida que espere, pois, do outro mundo não se enviam reclamações.

Os monumentos, como as pessoas ou as épocas que simbolizam, têm a sua história. Cada uma vale uma reportagem que talvez um dia seja escrita.

O PARQUE EDUARDO VII, BOM TERRENO PARA SEMEADURA DE... ESTÁTUAS

O Parque Eduardo VII, nesta odisseia das estátuas, tem sido mártir. Está bastante semeado de estátuas que teimam em não nascer. A «primeira pedra» ali dada à terra foi em 1911, no primeiro aniversário da proclamação da República.

Solenemente, o presidente Arriaga lançou a «primeira pedra» para o Monumento aos Mortos da Revolução do dia 5 de Outubro de 1910. Depois foi Camilo, o torturado autor das *Noites de insônia*, que nem depois de morto têm deixado em paz, já que em paz não pôde viver. No centenário do nascimento lançaram uma «primeira pedra» que ainda lá deve estar, juntamente com as simbólicas moedas que é costume juntar-se-lhe, se acaso alguém se não lembrou de conseguir um pé de meia colhendo esse dinheiro por vários cantos da cidade. Em 1919, um jornal que já se não publica fez uma subscrição para o monumento a Sidónio Pais, guardou o dinheiro de que não deu contas, e lá foi lançada mais uma «primeira pedra».

Em vários locais do Parque e longe d'ele, foram lançadas várias «primeiras pedras» — todas primeiras! — para o monumento ao Marquês de Pombal, que finalmente lá vai crescendo, embora devagar, junto ao Parque Eduardo VII. De tantas pedras ali semeadas, foi a única que deu alguma coisa.

UM MONUMENTO, SEMEADO NUM LOCAL, VAI NASCER ONDE TINHAM SEMEADO OUTRO

No dia 9 de Abril de 1919, primeiro aniversário da Batalha de La Lys, foi, na Rocha do Conde de Óbidos, lançada a «primeira pedra» para um monumento aos mortos da Grande Guerra. Os anos passaram, o monumento não se fez, e um belo dia, esquecidos da «primeira pedra», lançaram solenemente outra, na Avenida da Liberdade, no local onde tinha sido lançada outra pedra... para o monumento a Fontes Pereira de Melo. O monumento semeado na Rocha do Conde de Óbidos veio a nascer 12 anos depois, na Avenida da Liberdade, no local onde já outro fôra semeado também.

Triste odisseia, a das nossas estátuas.

DUAS PEDRAS, «AMBAS PRIMEIRAS», NO MESMO LOCAL PARA MONUMENTOS DIVERSOS

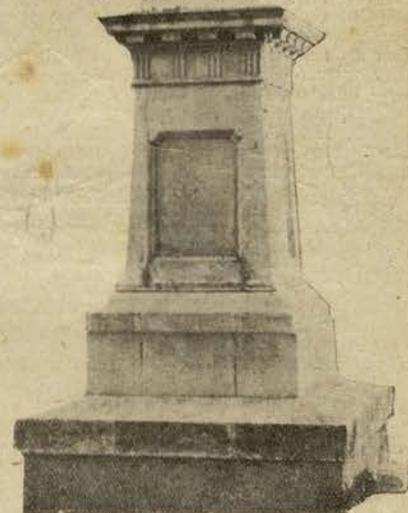
Em Belem, em frente ao Mosteiro dos Jerónimos, promoveu a edilidade, com grande festança, o lançamento dos fundamentos duma estátua a Pedro Álvares Cabral. Os anos passaram, com eles veio o esquecimento, e em 1924, pelo centenário de Vasco da Gama, foi lançada, precisamente no mesmo local, nova «primeira pedra» para o seu monumento.

Escusado será dizer que nem uma nem outra estátua passaram da «primeira pedra».

MAIS PEDRAS! MAIS PEDRAS E... SÓ PEDRAS...

Teve mais sorte, José da Silva (o Judeu), homem de teatro queimado pelo Santo Ofício. Passou da «primeira pedra» e chegou ao pedestal que lá está, no cruzamento da Rua Latino Coelho e da Avenida 5 de Outubro. Concluído o pedestal ainda na vigência do antigo regime, misteriosas forças, que alguns atribuem à política, têm obstado a que sóbre ele seja colocado o busto.

Também D. Maria I teve quem lhe quisesse eri



O monumento a José da Silva, (o Judeu), encontra-se assim há algumas dezenas de anos

gir uma estátua no Largo da Estrêla, tendo nisso posto todo o empenho a Rainha D. Amélia. As figuras alegóricas que iam rodear aquela soberana estão na Avenida da Liberdade, e a «maquette» do monumento pode ver-se no Museu do Carmo.

Para um monumento a Nun'Alvares também lançaram uma «primeira pedra» no jardim de Santos, em 14 de Agosto, e disso não se passou.

Pode ser que seja de propósito, pois que a estátua, segundo a «maquette» feita, ficará bem feiuzinha...

Até o Fontana tem os fundamentos para uma estátua na praça do seu nome. Lá estão desde 1904 e, quasi que juramos, disso não se passará nunca. Mas esse não precisa. Mais do que a estátua ou mesmo do que os feitos, immortaliza-o a popular canção:

Viva o Fontana,
Viva o Fontana,
Viva o descanso
Sete dias na semana.

COSTA JÚNIOR

As pequenas e sensacionais intimidades dos grandes homens

(Continuação da pag. 9)

sempre prevenido. Poucos como êle sabem dominar os seus nervos e a sua sensibilidade. Quando, há anos, lhe mostraram em público, com cínica presteza, o panfleto agaiatado mas originalíssimo que Almada Negreiros acabara de publicar contra êle — «Morra o Dantas, morra, pim!» —, o dr. Júlio Dantas leu-o até à última página, sob o olhar de todos os presentes, sem que um músculo facial se movesse e sem que o seu olhar cintilasse; e ao rematar a leitura, a sua única exclamação foi esta: «Quem é este rapaz? Tem verdadeiro talento!» E no dia seguinte, todos os que se encontravam no «Leão de Ouro» foram surpreendidos pela entrada de Júlio Dantas de braço dado com Almada Negreiros, almoçando na mesma mesa, como dois velhos amigos que se admiram...

Dr. Brito Camacho: Espírito indiscutivelmente superior, dificilmente o apanham em fraquezas. Contudo, e durante muitos anos, enervava-se e perdia a serenidade sempre que os seus adversários, à falta de outra arma de ataque, o chacoteavam acusando-o de... pouco asseado, fama esta que se fez dogma e que foi espalhada através de mil histórias, caricaturas e até de rúbricas de revistas. Ora o que sobretudo irritava o dr. Camacho era o que havia de calunioso nessa acusação visto que, apesar de não ser cuidadoso com a *toilette* e de possuir um tom de pele bastante moreno — o que se presta, às vezes, a certas —, dúvidas êle foi sempre meticulosamente asseado, dum asseio sem lacunas, feito pela volúpia de se banhar. Não descansou enquanto não soube quem inaugurara êsse mentiroso boato... O calunizador inicial era um correligionário seu, invejoso, desleal e pouco inteligente. Conta-se que o dr. Camacho se vingou convidando-o a jantar e dando-lhe como sopa um caldo escuro e mal-saboroso que o seu convidado não pôde terminar, por maiores esforços que fizesse. — «Não gostas?» — perguntou. — «Acho-lhe um gosto esquisito!» Camacho ergueu-se e depois de interrogar a criada voltou com um ar contrariadíssimo. «São umas estúpidas, estas criadas! Enganaram-se e fizeram a sopa com a água em que eu me tinha lavado!»

REPORTER X

O homem que fornece os lupanares do Porto

(Continuação da pag. 6)

riam, nem observei nada sobre a autoridade que tinham para não querer.

Limitei-me a perguntar:

— Que caso é?

— Há aí um rapaz — historiou o sujeitinho — que em tempos levou umas raparigas para uma casa de passe. Hoje encontra-se regenerado, tem emprego, e o próprio patrão está disposto a tudo para evitar que o desgracem.

Cautelosamente, interroguei:

— Como sabe que eu tinha conhecimento do caso?

— E' que eu também o quis tratar.

— Para o «Reporter X»?

— Não senhor. Para outro jornal (e citou-me um jornal que não conheço).

— Porque o não tratou?

— Tinha já umas fotografias e algumas notas quando chegou ao meu conhecimento e do director do jornal o facto que lhe aponto, e desistimos. Não queríamos prejudicar o rapaz.

Rapidamente, o cavalheiro deu-me o nome do individuo em questão e, como o 3.º acto da peça

ia começar, serviu-me isso de pretexto para me despedir, desconsertando-o com estas palavras:

— Tudo isso está muito bem; mas ninguém me garante que o senhor, que eu não conheço, é uma pessoa de bem e que são exactas as suas informações.

— Mas podemos provar-lho.

— Então, quando quiser, procure-me.

Disseram-me, depois, que se chama Coelho. Não sei porque, mas tive logo a impressão que aquele «Coelho» tinha vindo à caça e que fôra êle o caçado.

QUEM É O SR. J. A.

Êle tinha-me falado dum tal Amorim. Era o único elemento para a reportagem. O acaso fez que nesse mesmo dia eu aumentasse a soma das minhas informações: chama-se J. A. e não tem profissão conhecida. Joga num *team* de *foot-ball*, em primeiras categorias.

De averiguação em averiguação, chegaram ao meu *carnet* alguns nomes de raparigas que o cavalheiro tinha levado para os lupanares: a Constança, a Leopoldina, a «Morena», a Fernanda, a Conceição, a Carmen, a Lola...

Era preciso começar por uma delas. E coube a vez à Lola. Quatro amigos ouviram as suas declarações. Chama-se Lola Pereira de Sousa e vive numa casa da Rua Alferes Malheiros.

A' nossa primeira pergunta, ainda cautelosa, preguntou logo:

— Os senhores querem saber alguma coisa sobre o...?

— Já alguém a veio interrogar sobre êsse senhor?

— Já. Disse a verdade.

A curiosidade chama outras raparigas ao local onde estamos. Uma não pode conter-se que não se manifeste na sua doentia tara, muito vulgar nestas mulheres, que as leva ao desejo inconsciente, mórbido e egoísta de quererem ver todas as mulheres compartilhando a sua desgraça:

— Deixa lá o homem! Quem vem para aqui é porque quer. Que podes ganhar tu em fazer mal ao homem?

Mas a Lola conta, com simplicidade, o seu caso:

E' de Guimarães e vive em Gaia com a mãe, O sr. A... namorou-a. Um dia pediu-lhe que o acompanhasse ao escritório dêle, e foi então que entrou pela primeira vez na casa da Amélia.

NA CASA DA AMÉLIA COMPRAM-SE MULHERES POR 50 ESCUDOS!

E' na Rua do Carregal e está registada como casa de pensão.

A Lola entrou no quarto do rés-do-chão, com o A... e, êste disse-lhe que vivia ali com a madrinha, que era muito boa senhora.

A madrinha chegou e a Lola ouviu da sua bôca muitas boas palavras: que simpatizava com ela, que se deixasse ali ficar com êle, que viveria ali muito bem, etc., etc....

Interrogo:

— Que idade tinha?

— Foi há três anos. Tinha eu 16. Vesti-me a roupa da filha dela. Passados dias quis-me vir embora. Fui sendo industriada do que de mim queriam. Mas os conselhos da Amélia, das colegas e do próprio A... foram-me arrastando. No dia seguinte áquele em que eu entrei, entrou lá outra rapariga nas mesmas condições.

— Como arranja êle isso?

— No geral são criadas de servir. Namora-as às vezes durante um mês, às vezes ainda mais tempo. Quasi sempre são raparigas de 14, 15 ou 16 anos.

— O A... ainda lá vive?

— Continua no seu *trabalho*. Ainda ante-ontem para lá levou uma rapariga. Come e dorme lá e recebe 50 escudos por cada mulher que leva. Foi quanto lhe deram por mim...

A MECANICA DO NEGÓCIO

— A rusga nunca foi a essa casa?

— Durante o tempo que lá estive, nunca. E' uma casa clandestina. Um dia eu ia a entrar e fui presa. Levaram-me à esquadra do Largo Coronel

Pacheco. O chefe mandou retirar o guarda que me prendeu, esteve um bocado a brincar comigo, depois de me interrogar, e mandou-me embora.

— São então muitas as raparigas que êle tem levado para casa da Amélia?

— Já não têm conta. Estão espalhadas por várias casas. Outras, com mais sorte, conseguiram desprender-se desta vida.

— A Amélia, quando há falha, diz-lho. O A... sempre solícito, informa logo que já tem umas duas em vista. E elas lá aparecem.

A Lola, que nos parece uma bôa rapariga, tem esta frase que nos choca pela delicadeza moral que revela:

— E êsse homem tem filhas!...

A HISTÓRIA DA LOLA, DA CARMEN, DA MARIA ROSA..., A HISTÓRIA DE TANTAS

Noutra casa da mesma rua, está a Carmen — Carmen Ferreira Pinto. Tinha 16 anos quando o A... a levou, com promessas de ir viver com êle, para casa da Amélia. As suas declarações sobre o funcionamento da *pensão* e os *trabalhos* do «caftan» são idênticas às da Lola.

Maria Rosa Teixeira tem 18 anos. Estava em casa da madrinha, na Rua Sá da Bandeira, a servir, quando êle a desinquietou.

Tristemente, tem uma frase:

— Se eu soubesse para o que vinha...

Fugiu logo ao fim de alguns dias, mas, voltando a ser azeada, acabou por ceder...

UM ACIDENTE DO «PROCESSO»

A propósito, a Maria de Jesus Pires de Lima, que também usa o nome de *Maria Rosa* e é companheira daquela e da Carmen, conta-nos o seu caso:

— Tem outro nome o homem que a levou, com mentirosas promessas, para casa da Joaquina, na Rua da Alegria. Era pai do rapaz que a enganou!

Por êsse motivo foi preso, em Espozendo, pelo agente Fragateiro, e tendo-lhe sido isso solicitado com insistência (não nos diz por quem), a Maria de Jesus foi prestar falsas declarações para o defender. Nada se provou, e foi posto em liberdade.

Quasi piedosa ente, pede-nos:

— Não faça uso disto. Êle é um homem doente.

ÚLTIMO ACTO

Vai descer o pano sobre o último acto dêste drama, que é o drama constante, o drama trágico de todos os dias dos *mangeurs de blanc* no nosso país. Referimo-nos a pessoas que todo o Porto conhece, a factos que o país não ignorava, sendo fácil comprovar a veracidade das afirmações aqui expendidas. Com promessas mirabolantes, que nunca se poderão cumprir, dezenas de desgraçadas são arrastadas, dia a dia, para o local da ignominia e do opróbrio. O «Reporter X», no seu desejo de desmascarar Tartufos, o «Reporter X» que desmascou o célebre «Sátiro de Coruche» e tem desmascarado tantos *sátiros* e *caftens*, apresenta hoje ao público os homens que fornecem de mulheres os lupanares do Porto e fazem da escravatura branca modo de vida. E verifica-se que são fornecedoras — que tristeza, que infâmia! — por um homem que tem filhas, por um desportista que nega a própria função do desporto, que tem por lema «uma alma sã num corpo são»... Almas sãs... a dos *caftens*!...

ERNESTO DE BALMACEDA

AZBITE

SANTA CRUZ

O melhor para mesa

RUA DO ALMADA, 179-1.º

TELEPHONE 4697 — PORTO

Uma sessão de espiritismo

Já há muito tempo que o nosso amigo Fernando Martins nos tinha convidado a assistir a uma sessão de espiritismo naquela casa da Avenida Almirante Reis.

Embora descrentes, não resistimos à insistência do nosso amigo e, uma noite da semana passada, dispusemo-nos a penetrar nos mistérios espirítas, e acompanhámo-lo até àquele 3.º andar misterioso, em busca da emoção que todos visionam quando se trata de «falar com os mortos».

Depois de saciados das conversações com todas as personalidades do Além, uma das assistentes, rapariga ainda, profunda conhecedora da ciência de Além Kardec, propôs uma experiência de materialização, a manifestação mais palpável do espiritismo.

Todos os circunstantes suggestionaram nomes para a escolha do espírito que deveria ser materializado. Por fim vencemos nós, que tínhamos lembrado o Bocage. Interessava-nos conhecer pessoalmente o poeta boémio e mártir.

Fizeram-se os primeiros preparativos; apagaram-se todas as luzes; e perpassou por todos nós um frêmito de enervante expectativa.

Passaram-se minutos. O médium cafu em transe, e, subitamente, da mancha escura que nos envolvia, avançou, desempastelando-se, uma forma branca, difusa, mal delineada, que aos poucos se foi transformando numa silhueta clara, visível e bem desenhada.

Não podia haver dúvida: Era o Bocage, tal qual o representam todas as gravuras da época: capa esvoaçante, cabeleira revolta, sorriso superior e irónico a contrair-lhe os lábios.

De repente, e quando iam entrar na fase mais

comprovativa da experiência e perante o pasmo de todos, a face do poeta genial alterou-se bruscamente, deixando transparecer um mau humor inexplicável.

De entre os assistentes uma voz inquiriu das razões dessa má disposição de Bocage, e então — que pasmem os descrentes! — o poeta sublime respondeu tristemente:

— Como querem que eu no Além ande bem disposto e alegre como andava na vida, se já não me é dado o prazer de assistir em corpo a todas as manifestações de alegria da mesma vida? Como posso eu presenciar todos os espectáculos que causam prazer aos mortais? A minha maior alegria, o meu máximo desejo era assistir a uma representação da *Nau Cartrina* no Teatro Maria Vitória, que é actualmente a *melhor* revista actualmente em cena. Como não posso realizar esse desejo, estou triste e mal humorado.

Calou-se o poeta e desapareceu. Todos nos levantámos e fomos verificar, no «Maria Vitória», a verdade do seu asserto.

Um vigarista vigarizado...

HÁ dias, um abastado lavrador do Aientejo desembarcou no Terreiro do Paço, com a carteira recheada de notas e o propósito de empregar o capital nalgum negócio rendoso que lhe proporcionasse juro bastante para viver sem a necessidade de se entregar mais à lavoura.

Acabava de sair da estação quando foi abordado por um individuo de porte distinto e boas maneiras, que inquiriu delicadamente se ele era o sr. João Mendes, de Evora. O bom do lavrador confessou, ingenuamente, que não; que era o António Dias,

agricultor de Beja, e que vinha à capital em busca dum bom negócio.

— Homem, tenho justamente um grande negócio que lhe dará um juro enorme. São precisos, pelo menos, 100 contos. O meu tio, industrial de conservas, anda procurando um sócio capitalista para dar maior expansão aos seus negócios. Se você quere, eu apresento-lho amanhã.

O lavrador concordou. Combinaram horas e local do encontro para o dia seguinte, e despediram-se como *amigos velhos* que já se consideravam.

Quando, à hora marcada, se encontraram, o desconhecido vinha acompanhado por um homem já de idade, de aspecto respeitável, que apresentou como tio. Conferenciaram os três, e o negócio ficou arrumado. A escritura far-se-ia no dia seguinte, mas era preciso dar sinal.

— Uns 20 contos — insinuou o sobrinho... O lavrador acedeu prontamente. Puxou da carteira e entregou um envelope com dinheiro, que os outros nem se incomodaram a contar. Despediram-se à pressa e combinaram novo encontro num notário.

O campónio ficou sózinho, com um sorriso irónico a bailar-lhe nos lábios.

No interior do «taxi», tio e sobrinho rasgaram à pressa o envelope e... estremeçeram de surpresa ao encontrarem, em vez de notas, um masso de papeis velhos e um bilhete que dizia assim:

«Senhores vigaristas:

Vocês pensaram que me vigarizavam, mas ignoravam que eu, ao vir a Lisboa, já sabia a quem me dirigir para uma boa colocação do meu capital. A única casa em que qualquer se pode confiar é a *Casa Mendonça, Ltd.*, com sede no Rossio, 74, 1.º, conhecida em todo o país pela sua honestidade e pelo interesse que toma pelos clientes.»

Novela n.º 34

Um crime no «13»

Quinta-feira, 19 de Novembro de 1931

**Sensacionalíssimo
original inédito
de Ruy Ximenes**

LEIAM

Finalmente remodelados os serviços gráficos do «Reporter X», a *Novela Policial*, que não tem podido publicar-se, VOLTA A APARECER A'S QUINTAS-FEIRAS, SEM QUALQUER NOVO ADIAMENTO, como sempre cheia de interesse



O que foram na vida real Texas Jack, Buffalo Bill e outros heróis de romance

II — ZALAMA, A BOA INDIA

RESUMO DA REPORTAGEM ANTERIOR

O autor destas memórias sobre o Far-West, depois de recordar o que era, até meados do século passado, essa zona selvática da América e da importância que tinham para a transformação e civilização do país os caçadores de búfalos, reproduz um artigo publicado, há anos, pelo major R. Thompson (conhecido pelo pseudônimo de Lansk), no qual este escritor revela como conheceu o mais célebre dos heróis do Far-West — o famoso Texas Jack, cujas aventuras ele escreveu mais tarde, rendendo-lhe fama e fortuna. Uma noite, em Kansas, Thompson Lansk discutia com outros jornalistas as lendas de Texas Jack, negando que ele tivesse existido, quando sentiu que lhe tocavam num ombro. Voltou-se, e viu um velho que se lhe apresentou como o autêntico Texas Jack...

TEXAS-JACK, ÍDOLO DOS «YANKEES»

«REPRODUZO esta crônica do autor das *Aventuras de Texas Jack* (hoje traduzidas em todos os idiomas e materializadas pelo autor, numa enorme fortuna) para prestar justiça a Thompson (Lansk) e para, depois, com mais afoiteza o poder criticar. De facto, ele conheceu pessoalmente o herói dos seus livros, escutou-lhe todas as confidências, mas baseou-se apenas em alguns episódios reais, com semente das suas fantasias, que pecam, não pelo exagero mas pela forma aleijada com que as escreveu.

«Também eu conheci pessoalmente Texas Jack — mas não na decadência. Antes, porém, é preciso biografá-lo, não como uma figura de romance mas sim como um herói glorioso da minha pátria. E para que não existam dúvidas sobre os factos que vou relatar, convidando os leitores (*), durante as férias, a visitar um monte que se ergue como um negro gigantesco — *The Old Black*, nos arredores de New-Hagg City —, pequena cidade do Texas, fundada em 1853. Cercado pela mais feérica paisagem que é possível visionar, *The Old Black* surge aos olhos do turista encabeçado por um minúsculo ponto branco que se vai dilatando à medida que os carros galgam a estrada em espiral, até que, atingindo o cume, damos com uma original e impressionante estátua equestre, em que a montada parece lançar-se, num galope vertiginoso, através do espaço e em que o ginete, expressivamente enérgico, empunha a carabina como se fôsse uma bandeira de guerra. Numa das faces do monumento lê-se: «A Texas Jack», pioneiro da civilização americana, oferece a América reconhecida». Em caracteres menores estão gravados vários nomes da comissão de iniciativa, entre os quais o de meu pai.

(*) O autor destas reportagens é americano, publicou-as na célebre revista *The Saturday Evening Post* de Filadélfia, e por isso pode convidar os seus leitores ao citado passeio. Para nós já se a mais difícil a jornada... (N. de R.)

O monumento a Texas Jack — Fantasia de folhetinista — Texas Jack caçador de peles-vermelhas ou de búfalos? — Um herói de... «oito meses» ou de «dezasseis anos»? — Os aventureiros holandeses — New-Hagg-City — O assalto dos índios — Manitu e o pequeno «rosto-pálido».

A VERDADE E A FANTASIA

«Quem era Texas Jack na vida real? Eis a pergunta que todos os que lhe escutaram a fama ou leram os livros fantásticos de Thompson (Lansk) e que conhecem as afinidades existentes entre mim e o herói do *Far-West* me dirigiram, milhares de vezes, durante quarenta anos.

«Se dermos crédito às informações romantizadas de Thompson, logo no primeiro fascículo da sua obra (*Um herói de 16 anos*), Texas Jack era filho de uns fazendeiros pacíficos, honrados e trabalhadores; e, uma noite, os «Sioux», os mais aguer-

ridos e maiores inimigos dos brancos, entre todas as tribus de índios, assaltaram as propriedades paternas, incendiaram-nas, assassinaram-lhe os pais, linchando-os, escalpelando-os... Jack, que contava então apenas 16 anos e que, após uma luta desesperada, conseguira escamotear-se ao ódio selvático dos assaltantes, jurara, louco de dor, sobre os corpos inanimados e ensanguentados dos entes queridos, não ter um minuto de repouso enquanto não lhes vingasse a morte... Daí — explica Thompson — a extraordinária carreira do jovem Jack, cujo nome bastava para apavorar os peles-vermelhas, uma espécie de Cid Campeador, cujo cadáver, amarrado a um cavalo e surgindo a meio de uma batalha quase perdida pelos espanhóis, que eram em pequeno número, bastara também para que os mouros abalasses em aterrorizado pânico, tal a fama que o velho guerreiro gozava entre os seus adversários...

«Iniciando assim a sua obra, Thompson transformou Texas Jack numa espécie de «caçador de índios», de exterminador de uma raça nobre — rótulo ignominioso —, fôsse pelo nobre desespero da dor, fôsse pelo frio cálculo de facilitar a marcha da civilização americana... Sem querer, o biógrafo popular do admirável aventureiro caluniou o seu herói. Eis a verdade dos factos.

ZALAMA, A BOA INDIA

«Da Holanda, onde o espírito de aventuras se assemelha muito ao dos latinos, partiram para a América, por volta de 1845, numerosos emigrantes, atraídos pelos boatos sobre a existência de muito ouro, no oeste do novo continente. Duas famílias, vizinhas do mesmo subúrbio de Haya, resolveram também, nessa época, tentar fortuna além oceano. Uma dessas famílias — era a minha — compunha-se de marido e mulher (meus avós) e duma ranchada de filhos. A outra, chefiada por Wilmer Karang, constava apenas de um jovem casal, recém-unido. Desembarcados na América, juntamente com centenas de outros compatriotas, formaram uma longa caravana... Mas a caminhada para o Paraíso prometido foi, para eles, um verdadeiro inferno, constantemente ata-



Em cima: Um grupo de colonos de New-Hagg-City vendo-se Texas Jack (1.º à esquerda, de pé) e o pai do autor desta reportagem (sentado, no meio). Em baixo: A fazenda que pertenceu ao pai de Texas Jack.

cados pelos índios, que os obrigavam a não dormir, formando trincheiras com os carros e passando as noites estradas por terra, com as carabinas entre mãos. Defenderam-se sempre, mas, ao atingir o coração do Texas, estavam reduzidos a três quartos, havendo, entre os sobreviventes, numerosas viúvas e orfãos. O ouro não aparecia, mas a fertilidade do terreno fez com que acampassem e repousassem, explorando a agricultura... Pouco a pouco a população foi crescendo, dilatada com novos desembarques de holandeses e em Maio de 1853 fundou-se a New-Hagg-City (a Nova Cidade de Haya), em redor da qual existiam numerosas fazendas. Mas nem todos os emigrantes se resignaram àquele sossego. Sôfregos de aventuras, de entre estes, Wilmer Karang e esposa resolveram continuar à busca do ouro. Não foram felizes nas suas esperanças; e, após dois anos de lutas, amarguras e perigos, nasceu-lhes um filho, Jack Karang, o que os obrigou a fixarem-se a vinte quilómetros da nova cidade, explorando também a agricultura.

De facto os pais de Jack foram linchados pelos índios, que lhes cercaram, em grossos magotes, a herdade. O casal e os serviços, cinco homens e duas mulheres, uma delas índia, da tribo dos «apaches», chamada Zalama, ripostaram, numa defesa alucinada, procurando, sobretudo, salvar o pequeno Jack (que contava então apenas alguns meses e não dezasseis anos). Zalama, que era dedicadíssima aos amos, conseguiu fugir, no início da batalha, montada num cavalo vertiginoso e, num galope aloucado, dar o alarme em New-Hagg; mas quando os habitantes desta cidade, em numeroso grupo, chegaram ao local, já os índios tinham abalado e da casa não restava senão algumas táboas fumegantes. Surpreendeu-os o facto de que entre os cadáveres, estrados num mar de sangue na pequena fossa que Karang construíra para melhor defesa da propriedade e das viúvas (de que nada lhe servira) mas que fôra poupada pelo incêndio, não aparecesse o corpo do pequeno Jack. Iam os colonos dedicar-se ao piedoso trabalho de transportar os mortos para o cemitério de New-Hagg, quando um dos poucos homens válidos que tinham quedado, com as mulheres, crianças e velhos, na cidade, veio, espavorido, alertar os emigrantes que os índios, conhecedores da ausência de quem podia defender os indefesos, se acercavam, para o assalto... Partiram todos, deixando os mortos, em que não haviam tocado, sequer, para salvar os vivos... Mas a boa Zalama é que não desistiu de encontrar, morto ou vivo, o pequenino Jack que ela adorava. Acercava-se a noite e ela, escravizada pelas superstições infantis da sua raça, acorreu-se na torre, rogando a Manitu que a encaminhasse e que lhe restituísse o pequeno «rosto-pálido», tão inocente e digno de suprema compaixão como os pequenos «rostos-vermelhos», seus filhos, na Terra... Conheço todos estes episódios, não porque pertencesse já ao número dos vivos (só vim a este mundo trinta e tantos anos depois), mas porque os ouvi muitas vezes a meu avô, meu pai e meus tios...

«A meio da noite e no silêncio que só a noite, mesmo no deserto, cria, a boa Zalama ouviu um vago ruído, com um choro mui débil e abafado, ou como um estertor longínquo... Ergueu-se e procurou orientar-se, com o coração a cabriolar-lhe dentro do peito... Teria Manitu, o Deus dos índios, tido compaixão do pequeno «rosto-pálido?»

(Continua)

LÊR NA PRÓXIMA REPORTAGEM: — Como e porque Jack Karang foi alcunhado de Texas Jack.

Os ordenados fabulosos das "estrelas" e "ases" do cinema

(Continuação da pag. 6)

E Charlie Chaplin, o conhecidíssimo e popular *Charlot*, o que se orgulha de ser o homem mais popular do mundo? Nunca os jornais ou os colecionadores de *polls* do mundo do cinema puderam conhecer os seus honorários. Mas é sabido

que esse antigo pobretana tem hoje uma das mais sólidas fortunas do mundo. Por sua vez Harold Lloyd, segundo dizem, concorre com os ordenados recebidos por Charlot, mas, porque é mais gastador do que este, mais «mãos abertas», as duas fortunas não se comparam.

Constance Bennett, que se notabilizou com o cinema falado, passou a ganhar tanto que se divorciou dum banqueiro francês para mais livremente se dedicar ao cinema. Apesar de contratada pela Pathé, a empresa Warner Brothers deu-lhe 300.000 dólares (sete mil e quinhentos contos!) para que faça 3 películas durante as 3 semanas de férias que lhe concedeu a primeira daquelas em presas.

Mas estas são primeiras figuras, os *ases* cuja fama é mundial, e não só desses se compõe um «film».

Há as «segundas partes» masculinas e femininas, como Glória Swanson e Ernesto Vilches, cujos ordenados regulam entre 3.000 dólares, e além destas há as figuras ignoradas, pobres trabalhadores que junto dos ricos levam uma vida que não será de indigência mas também não é a fortuna com que sonharam. São 10.000 indivíduos de ambos os sexos que chegaram a Hollywood cheios de sonhos de felicidade, cérebros plenos de ambições, e que se defrontaram com uma bem diferente realidade...

Gil Vicente e Maria Parda

(Continuação da pag. 7)

que não recebeu nenhuma herança literária e técnica, mesmo modesta, com que capitalizasse a sua inspiração. O único passado em que se apiou era ténue e primitivo: os *arremedilhos* do tempo de D. Sancho I, os episódios improvisados e jogrescos, os *momos* do tempo de Afonso V, que só vagamente podiam aparentar-se com os entremeses. E Gil Vicente, sem passado, sem influência, sem mestres, foi o livro e foi o teatro, foi a alegria e o pensamento, o crítico e o criador de belezas, o bruxo de todas as boas horas que o rei, a corte e o povo gozaram durante mais de quarenta anos. Se o rei o chamava e lhe exigia continuamente que o distraísse, que o fizesse rir ou emocionar, Gil Vicente não esquecia o povo — e dedica a-lhe todas as horas em que o rei o dispensava. Presta-se justificado culto a Shakespeare e a Molière, pasma-se ante a grossura material das suas obras tão exuberantes ou de ideias profundas ou de espírito subtil! Que valor não significa, pois, a obra de Gil Vicente, que produziu o que nem mesmo os mais estudiosos investigadores conseguiram apurar, que representava e dirigia os seus autos e entremeses — mas que... era português, e não contava, portanto, com o ambiente e o gosto, já criados, do público nem com a herança já valiosíssima de teatro existente, como aquele inglês e aquele francês contaram...

Na obra do sr. Oscar Pratt, além do seu indiscutível valor intelectual e histórico, salienta-se o da divuagação e o da luminosidade de uma figura tão nossa e tão digna de lembrança — a qual tão abandonada tem sido...

O sr. Oscar Pratt, já o disse, é dos escritores-investigadores novos, é um *novato* em contraste com todos os da sua categoria, posto que não dobrou há muito os quarenta, um dos mais activos, conscienciosos e modestos. É tão sincera e fanática a sua paixão pelo trabalho que não lhe sobrou até hoje tempo para se exhibir, para colher os frutos a que a sua obra, o seu talento e o seu esforço têm todo o direito. Os seus estudos sobre a língua portuguesa entontecem pela vastidão incalculável. Durante mais de vinte anos foi o caçador ousado, temerário, infatigável e apreciado, do vocábulo puro e esquecido ou desprezado injustamente. Os seus ficheiros ameaham milhares de palavras bem nossas, que os dicionários mais completos não possuem. E quando ele deixa antevêr, aos raros íntimos, esse imenso tesouro linguístico — rebrilham-lhe os olhos vivíssimos,

como um sultão que possuísse o mais populoso, variado e belo harem... — «Porque não revela já esse gigantesco trabalho?» — indaguei uma vez. — «Porque não está completo; porque existem ainda muitos milhares de vocábulos de que ando à busca e hei-de encontrar!»

Oscar Pratt merecia-me dupla admiração e gratidão. E' que foi êle, há quasi vinte anos, quem criticou os meus primeiros artigos e me ensinou a seguir esta profissão, tão caluniada mas que eu, apesar de tudo, amo como amante... Era eu então colegial ainda e alvoquei-me no delírio das letras... Vira um dia, num jornal espanhol — *El Mundo Gráfico*, de Barcelona —, um anúncio de... «Corresponsales en Lisboa, Bucarest y Belgrado, se necesitan para esta revista»... Afogueado, emocionado, como quem comete uma loucura inclassificável, respondi a oferecer-me. Com que alegria recebi a resposta, pedindo-me o director — hoje grande amigo meu, Solá Guardiola — um artigo de «prueba»... Levei um dia inteiro a compôr a «maravilha». Depois, a mêdo, com as faces a esclarataram-se-me, supliquei a Oscar Pratt que o lesse... que me dissesse com toda a franqueza se era ridiculo expedi-lo ao seu destino. Recordo-me como se fosse ontem... Pousou a sua mão sobre o meu frágil ombro e disse-me: «Mande sem receio... E mais: não deixe de continuar. Ou me eiganos muito ou tem o seu futuro nestas artes. E se quiser arranjo-lhe colaboração em alguns jornais portugueses.» Eu abandonara os calções havia pouco tempo... O jornal de Barcelona enviou-me, juntamente com o exemplar em que publicava a minha crónica — *assinada!* —, dez pesetas — *dez pesetas!* —, preço em que fixava os meus artigos semanais — *semanais!* —, e pedia-me desculpa da modéstia da paga! Modesta paga — aquela fortuna, logo convertida em bilhetes de cinema, cigarros «Julietas», pasteis e livros! Os meus artigos têm subido de tabela nestes vinte anos — mas nenhum me pareceu melhor retribuído do que este!

Não esquecerei nunca aquelas boas palavras de Oscar Pratt. E por isso o êxito indiscutível do seu «Gil Vicente» me sabe... a êxito próprio.

REPORTER X

T S F... X

(Continuação da pag. 10)

mente, porque estão em êrro ou porque pensam assim; entre os jornais honrados que me hostilizam — dois existem que eu destaco, porque tenho as provas da sua honradez, e as proclamo, embora sejam meus inimigos: *A Epoca* e *A Batalha*. E era uma verdade eloquente. De *A Batalha* nada necessitamos evocar. De *A Epoca*, hoje *A Voz*, sim. Colocados num campo absolutamente oposto, irritados por certas atitudes e obras suas, dispostos a combatê-lo com a máxima violência — declaramos, com a lealdade e honradez que nos orgulham, que o consideramos um dos jornais mais honrados da nossa imprensa... Por isso mesmo, por conhecermos o quilate da consciência da maioria dos que nela trabalham, é que temos o direito de a avisar do mal que, embora pare muito acima da sua gloriosa honestidade, pode, mais tarde ou mais cedo, descer e constituir um perigo. Existe quem, usando o nome de *A Voz* e da confiança merecida que lhe deposita, esboce ameaças contra... negativas de publicidade — ou em favor de interesses ilegítimos. Na certeza de que *A Voz* o ignora — denunciarmo-lo sem remorsos.

TEATRO?... Pois sim! Há empresários que perdem quasi sempre... Outros que ganham às vezes... Os primeiros ganham às vezes, por acaso. Os outros, às vezes, perdem por estupidez. Mas existe um que ganha sempre, contra o acaso, contra a estupidez, contra o azar, contra a sorte, contra todos os contras — mesmo quando perde... Mas isso são contos largos. Um dia explicaremos o porquê desses milagres *caltivos* e constantes, e assim se radiografa, aos poucos, a lesão teatral que provoca todas as crises...

Folha do quarto combate

CONCURSOS KOLOSSO SEMANAIS

Batalha naval do REPORTER X
6.000 escudos de prémios! 6.000 escudos!

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	
1											1
2											2
3											3
4											4
5											5
6											6
7											7
8											8
9											9
10											10
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	

Não perca tempo! Bata-se connosco!

Nome do concorrente

Morada

Número

Localidade

Os seis mil escudos

de prémios que distribuimos já na próxima sexta-feira serão assim divididos:

1.º PRÉMIO:
1.000 escudos

Cabe ao concorrente que **afundar todas as unidades**. No caso de haver mais de um concorrente nestas condições, será o prémio sorteado entre estes. Após este sorteio, os concorrentes deste grupo a quem não tenha tocado o 1.º prémio receberão **100 escudos cada**, como prémio de compensação.

2 PRÉMIOS DE
500 escudos

São entregues aos concorrentes que **maior número de tiros acertarem e mais unidades afundarem a seguir ao primeiro premiado**. Desde que haja mais de um concorrente em idênticas condições, proceder-se-á a um sorteio igual ao do primeiro prémio, recebendo os que perderem **uma compensação de 50 escudos**, cada um.

5 PRÉMIOS DE
100 escudos

Serão atribuídos aos concorrentes que, em seguida aos prémios anteriores, consigam maior número de tiros e mais unidades afundadas. Em caso de empate será feito sorteio idêntico aos outros prémios, recebendo os que perderem o **prémio de compensação de 20 escudos**.

20 PRÉMIOS DE
50 escudos

Aos concorrentes que em ordem decrescente acertarem mais tiros e maior número de unidades meterem no fundo. Os prémios de compensação em caso de empate e após o já referido sorteio serão de **10 escudos** para cada um.

50 PRÉMIOS DE
20 escudos

Distribuídos pelos concorrentes que, em seguida aos premiados anteriores, tenham maior número de tiros acertados e mais unidades afundadas.

MAIS 150 PRÉMIOS DE
10 escudos

Entregues a todos os que tenham acertado, a seguir aos prémios de 20 escudos, mais tiros, afundando mais unidades.

Importante:

Serão eliminados todos os concorrentes que **não cumpram as indicações** publicadas;

Que marquem os seus tiros em papel diferente da «Folha de Combate» que o Reporter X publica todas as semanas. **Só serve a Folha do «Reporter X»;**

Que não reclamem o seu prémio um mês depois da publicação da respectiva «Folha de Combate».

Cada premiado receberá o prémio em troca da **senha numerada**, e do seu **retrato**, condição esta indispensável para receber o prémio.

Bata-se connosco!

BREVEMENTE, SURPRESAS SENSACIONAIS!